

PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNÍ-VOS!

A Classe Operária

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Ano 66 — VI FASE — Nº 49 — 17 a 30 DE AGOSTO DE 1990

Cr\$ 45,00
PA-AM-RO-AC Cr\$ 65,00



O Rio homenageia os desaparecidos do regime militar, leia na página 10; CONSCIÊNCIA SOCIALISTA aborda o tema PCdoB e eleições, na página 11, que também narra o encontro de MANDELA e EDMILSON VALENTIM; uma mulher no Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro, página 19; HEGEL, aos 220 anos do seu nascimento, em REGISTRO, página 21; DIANNA PEQUENO fala de sua nova fase, página 22 e FEDERICO GARCIA LORCA, em PROSA E VERSO, página 24

O imperialismo prepara a guerra

Série de artigos e nota do PCdoB, págs. 14 a 18



Porta-aviões americano, mobilizado para a guerra no Oriente Médio

Sem-terras

A verdade sobre o conflito de Porto Alegre, págs. 8 e 9.



Começa a safra dos comícios

Novo ânimo na campanha eleitoral, págs. 3 a 7.

Entrevista

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois
João Hermann, candidato a vice-governador de S. Paulo, págs. 12 e 13

EDITORIAL

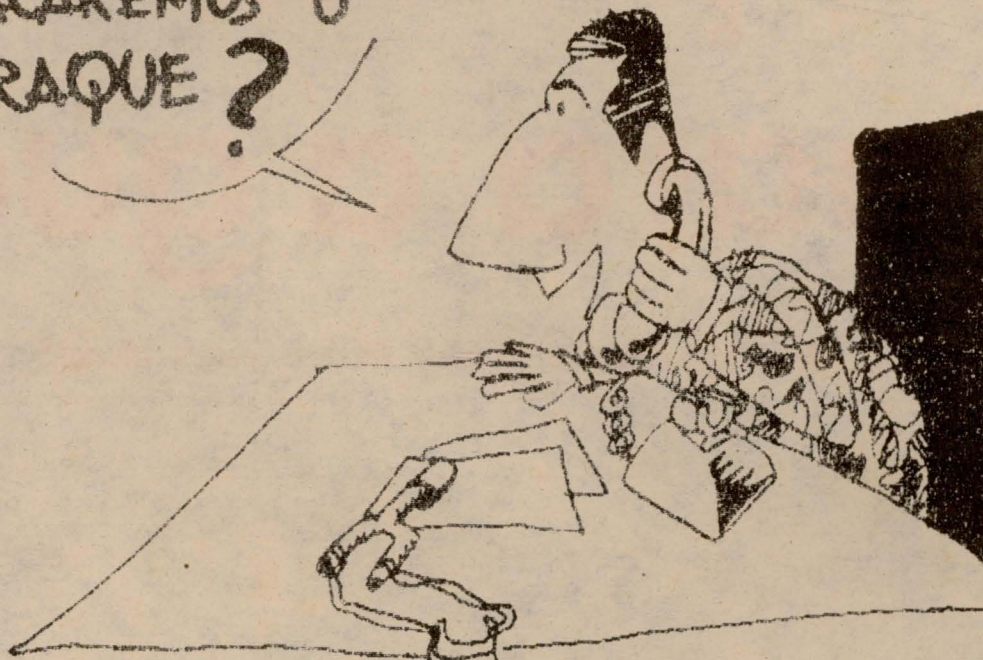
O povo está em movimento

Os recentes acontecimentos da vida nacional, que colocaram no centro das atenções a eclosão de conflitos há tempos latentes entre o movimento social, de um lado, e o governo e o patronato, de outro, vão tornando evidente e notório que o descontentamento popular no Brasil é cada dia mais sério. Muito embora a profusão de teses de sociólogos, cientistas políticos e cronistas sobre o indiferentismo e a apatia da população, há nítidos sinais de que nas ruas e nos locais de trabalho o ambiente é de inquietação.

As movimentações populares e sindicais das últimas semanas, de maior ou menor densidade orgânica e grau de consciência política, têm valor emblemático. Simbolizam a existência de um governo que, sendo continuista dentro de um projeto de "renovação" da burguesia, traz em seu caráter a secular crueldade das classes dominantes brasileiras e exhibe proverbialmente o sentido expoliador de suas políticas. E do lado dos trabalhadores e despossuídos em geral, os "descamisados", essas lutas patenteiam uma rápida evolução do grau de combatividade.

Empurrado pela dinâmica dos acontecimentos, o governo de Fernando Collor revela, agora já sem disfarces, sua natureza anti-operária e antipopular que por algum tempo tentou dissimular com jogos de cena e mercadejando ilusões. Na greve da CSN, que durou mais

BUSH, QUANDO
ATAÇAREMOS O
IRAQUE?



de um mês, preferiu arcar com vultosos prejuízos financeiros, dificultando ainda mais a situação da empresa, que pretende a todo o custo privatizar, do que atender as legítimas demandas dos operários. E tentou acuá-los e humilhá-los. Estes, porém, opuseram ao governo uma resistência heróica e, terminada a greve, estão ainda mais decididos a defender seus direitos e o patrimônio nacional.

No Rio Grande do Sul, apenas por reclamarem seus direitos, os camponeses foram brutalmente atacados pela polícia, ação que se tornou o estopim para embates armados

entre manifestantes e gendarmes em pleno centro da capital gaúcha. O ambiente de revolta se espalha pelo país, transformando-se em ações de massas enérgicas — greve de 41 dias na Ford, uma das maiores montadoras de automóveis, blecaute na Bahia, ocupações de fazendas no interior de São Paulo... A lista seria grande. O fato é que nos cinco primeiros meses do governo Collor, o número de grevistas já atingiu a casa dos 5 milhões.

Tudo isso são sinais de que o processo político-social toma formas diferenciadas e de que

vai se tornando cada vez mais difícil a "administração" da crise social pelas elites dirigentes. O País mostra dramaticamente as suas chagas. Tudo está em crise — a economia, a saúde, a educação, a previdência, o campo, o sistema de transportes, a vida urbana. O governo, insensível, indiferente e distanciado dos problemas nacionais, parece ter-se decidido a nada resolver. Toma como referência os interesses dos exploradores daqui e de fora e olha com descaso a tragédia em que se transformou a vida do povo brasileiro.

Não há como dissociar a campanha eleitoral em curso

desse contexto geral. Quer se queira ou não, ela coloca na ordem do dia a discussão dos grandes problemas nacionais, secundarizando objetivamente as questões locais, as jogadas de curto alcance e os interesses particularistas de grupos ou regiões. Por isso, na fase em que a campanha ingressa, a tendência é a elevação do nível de consciência política do eleitorado que, em última instância, se pronunciará nas urnas tendo como ponto de referência principal os problemas estruturais do país, que a luta eleitoral, no quadro em que vivemos, coloca no centro das atenções.

Estamos, assim, poucas semanas antes do pleito de 3 de outubro, vivendo um momento singular de preparo e acúmulo de forças para derrotar a direita e os planos autoritários, entreguistas e antipopulares do governo Collor. A temperatura da campanha, é bem verdade, ainda não se elevou às alturas necessárias, mas começam a ocorrer em vários Estados comícios e ações de massas que podem reverter em poucas semanas as tendências apontadas pelas pesquisas. Por isso, urge dar um impulso ainda maior às campanhas dos candidatos progressistas aos cargos majoritários e proporcionais, mobilizar as massas populares, esclarecer o eleitorado e transformar a campanha eleitoral num extenso e profundo movimento de oposição às forças da reação.

Novo marco na campanha em SP

Aldo Rebelo*

As elites paulistas guardavam a sete chaves uma esperança: realizar uma campanha eleitoral ancorada no sucesso do Plano Collor e na queda da inflação. A partir dessa plataforma comum, os diversos candidatos das classes dominantes apresentariam suas virtudes e credenciais ao eleitorado: Maluf, o rouba mas faz; Fleury, o capataz de obras de Quercia; Covas, o bom menino que não faz pipi na cama e respeita os mais velhos.

A campanha da União Democrática Popular é de denúncia do Plano e contra Collor; apresenta-se como sexto sentido do movimento operário e popular. Plínio tem que usar a TV

como maçarico para arrebentar a massa podre que encobre o plano econômico do governo e pôr à mostra suas consequências sinistras para o povo e para o país. Enquanto a rede Globo tenta levar o país a uma catarse anti-sequestros de empresários e colunáveis, a União Democrática Popular tem que levantar a opinião pública contra o sequestro de empregos e salários promovido pelo plano econômico do governo federal. Tem que colocar que há um grupo de homens no governo alienando patrimônio nacional com a venda de empresas estatais estratégicas para o desenvolvimento do país.

As elites procuraram cobrir o país e o povo

de um complexo de culpa e de inferioridade. Abrir os portos e os aeroportos do Brasil parece ser a solução para nossos problemas. Com esse mesmo argumento os colonizadores portugueses levaram pau-brasil, ouro e prata em troca de espelhos e sífilis. Hoje norte-americanos e europeus continuam a levar nossa riqueza em troca de bugigangas eletrônicas e da Aids, agora sob o patrocínio do governo Collor.

As forças populares em São Paulo possuem inesgotáveis reservas políticas para vencer as eleições, a partir da imensa classe operária, dos milhões de assalariados e da intelectualidade. O comício da Sé no dia 5 define um marco

na campanha, as eleições começam a ocupar as ruas e a vanguarda do movimento popular começa a marcar sob pressão as candidaturas conservadoras no Estado.

Uma campanha abertamente antiCollor, que apresente uma alternativa nova ao impasse que o país atravessa, pode despertar no povo a esperança e o ânimo para enfrentar seus inimigos. O PCdoB cumpre o seu papel buscando a mais ampla unidade do povo e das correntes avançadas, consciente de que aí reside a chave da vitória.

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois
do direção nacional do PCdoB e candidato a
deputado federal por São Paulo

MG dá a arrancada

No dia 9 de agosto, o PCdoB mineiro realizou um ato para promover as candidaturas de Sérgio Miranda (dep. federal), Edmundo Vieira (dep. estadual) e Virgílio Guimarães a governador. A mobilização realizada para essa atividade demonstrou na prática como se canaliza a indignação vivida pelo povo com o rumo dado pela política de Collor no Brasil.

Com o slogan da campanha "Diga não ao governo Collor", foram realizadas amplas panfletagens de convocação do ato nos bairros, centro de Belo Horizonte e principalmente nas fábricas.

Essa mobilização teve saldos bastante positivos e demonstrou a importância da massificação da campanha, de ir para as ruas, conversar com as pessoas, mostrar a verdadeira alternativa de superação da crise.

Em Betim, Contagem, na Telemig, Cemig, nas gráficas, a aceitação das propostas progressistas foi grande. Isso mostra que a reação, hoje já demonstrada através das greves pelos trabalhadores, pode nessa campanha ser canalizada para a eleição de pessoas comprometidas com sua luta.

O resultado dessa mobilização foi comemorado com alegria. Nem mesmo a chuva e o frio impediram que cerca de 600 pessoas comparecessem ao ato. Com a presença de João Amazonas, presidente nacional do PCdoB, Virgílio Guimarães, candidato ao governo, Roberto a vice, Sérgio Miranda e Edmundo e os partidos representantes da Frente Minas Popular, o ato transcorreu em clima de entusiasmo.



Sérgio Miranda fala no ato realizado em Belo Horizonte dia 9 de agosto: a campanha ganha um novo ritmo em Minas Gerais

Papel da Unidade

João Amazonas falou para uma plateia atenta, focalizou a situação de crise vivida pelo Brasil e o papel importante que jogam a unidade do povo, a eleição de Virgílio e dos candidatos do PCdoB, a fim de resistir e fazer frente ao projeto antinacional e antipovo do governo Collor.

Virgílio Guimarães ao discursar ressaltou o papel que Minas joga no cenário nacional e a importância de desenvolver no Estado a resistência ao projeto Collor. Saudou João Amazonas e destacou o papel que o PCdoB tem desempenhado para a cons-

trução da unidade das forças democráticas. Referindo-se a Amazonas, citando Brecht, disse ser ele não apenas imprescindível porque luta a vida toda mas porque "renova as nossas energias em acreditar na construção de uma nova sociedade, a sociedade socialista".

Falaram por último os candidatos a deputado estadual e federal pelo PCdoB.

Edmundo Vieira referiu-se à necessidade de mudar a correlação de forças no Congresso Nacional. Citou que em Minas há mais de 1 milhão de operários e dos 77 deputados ne-

nhum é operário. Ressaltou o papel desempenhado pelos trabalhadores contra o arrocho salarial e a recessão promovidos pelo governo Collor. E manifestou sua disposição de luta em defesa da classe operária e do povo em geral.

Sérgio Miranda fez um discurso eloquente, lembrou a trajetória de luta do povo, citou fatos históricos, como a luta pelo monopólio estatal do petróleo, a resistência ao regime militar, a participação do povo na campanha da Frente Brasil Popular. Mostrou que neste momento de ofensiva da direita a nível nacional e internacio-

nal, o povo brasileiro reunirá forças e resistirá ao projeto entreguista do governo Collor. Sérgio Miranda saudou o candidato a governador Virgílio Guimarães, dizendo ser essa a candidatura que representa a Minas popular, dos operários, das mulheres, da juventude e dos camponeses, Minas que saberá dar a resposta ao desgoverno de Newton Cárdozo. Terminou dizendo ser a unidade, a oposição firme e conseqüente ao governo Collor, e a eleição de Virgílio e dos candidatos a federal e estadual do PCdoB a resposta à investida da direita contra o povo. **(Da sucursal)**

Campanha comunista cresce no Rio

Edimar Menezes

No Rio de Janeiro cresce a campanha do PCdoB. As manifestações populares contradizem as pesquisas encomendadas pelos poderosos, segundo as quais a campanha política no Estado segue em passos lentos. Em grande parte das lutas por melhores condições de trabalho e por melhores salários, os candidatos comunistas são solicitados.

Essa manifestação de apoio é conseqüência de muito trabalho. Como deputada estadual, Jandira Feghali sempre foi atuante em áreas como a cultural, da saúde e nas lutas trabalhistas. Como candidata a deputada federal, ela prossegue na sua luta participando de panfletagens, arrastões e debates em hospitais, sempre reivindicando melhores condições para a área de saúde do Estado. Jandira também tem recebido apoio de vários artistas. Com eles, ela elaborou um projeto-de-lei que foi vetado pelo governador Moreira Franco. Um projeto que poderia dar sangue novo à cultura carioca.

A candidata a deputada estadual Dilecia Nahon está se destacando nos movimentos comunitários, principalmente na Baixada Fluminense. Dilecia também tem recebido apoio de categorias de trabalhadores como os funcionários estaduais, em especial os do Banerj. Nos arrastões de bairros e nas festas populares, Dilecia tem sido alvo do carinho da população. Um exemplo foi um recente movimento no Jardim Paraíso, em Nova Iguaçu, onde, além de receber declarações de voto, a candidata comunista foi homenageada com poemas e rosas. Dilecia tem ainda o apoio da maior federação municipal de bairros que é o Movimento de Amigos de Bairros de Nova Iguaçu, além do apoio da maioria das associações de moradores da Baixada Fluminense.

Reconhecimento e boa aceitação também são características da campanha de Edmilson Valentim, que tem estado ao lado dos operários na luta por melhores salários. Recentemente, participou da greve de ocupação da Ishibrás. Em todas as atividades



A campanha de Jandira Feghali cresce em sintonia com o avanço de Brizola por um Rio progressista

programadas pelo PCdoB, o material de campanha de Edmilson se esgota.

Há duas semanas Edmilson Valentim inaugurou um comitê de luta na

donda, onde o crescimento de sua candidatura é impressionante.

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Em São Paulo a unidade popular polariza com a velha direita

Rogério Siqueira*

Foto: Vera Jursys/Fóton

A campanha eleitoral no Estado de São Paulo apresenta uma disputa difícil e acirrada. A direita se reuniu em torno de Maluf com o apoio de candidatos proporcionais que são velhos conhecidos e dispõem de grande poder econômico.

Por outro lado, as candidaturas comunistas não têm condições econômicas de competir com os candidatos da direita, mas mesmo assim acreditamos na vitória, pois sua campanha se concentra na denúncia das malfetorias do Plano Collor. A União Democrática Popular tem a expectativa de que seus candidatos majoritários ao governo estadual, Plínio de Arruda Sampaio (PT) e a vice, João Hermann Neto (PSB), cheguem ao segundo turno, bem como o candidato Eduardo Matarazzo Suplicy (PT) seja eleito senador. O comício que reuniu cerca de 30 mil pessoas na Praça da Sé, no centro da capital, no dia 5 de agosto, assim como atos de massas reunindo milhares de populares nos bairros de Socorro e Campo Limpo e na cidade de Ribeirão Preto, marcaram uma arrancada na campanha.

Amplitude

A campanha de Aldo Rebelo a deputado federal por São Paulo vem se caracterizando pela amplitude. São setores importantes da sociedade que começam a apoiar e participar da campanha — artistas, intelectuais, representantes dos movimentos popular, sindical e estudantil.

No interior do Estado, já são mais de 110 núcleos fazendo campanha para Aldo Rebelo e na capital o ritmo de campanha também é intenso. São muitos os candidatos a deputado estadual do PT e do PSB interessados em fazer dobradinha com o candidato comunista.



A Praça da Sé, em São Paulo, foi palco de um comício popular que muda o quadro eleitoral

O grande esforço da campanha agora passa a ser o reforço de sua base material, garantindo o crescimento da influência de massas e condições para um bom trabalho de boca-de-urna.

A campanha do médico Jamil Murad a deputado estadual também é crescente, tanto no interior do Estado, quanto na capital, com a adesão de padres da Pastoral Operária, professores universitários das áreas de odontologia e medicina, além de mé-

dicos de diversos hospitais de São Paulo. Jamil conta com grande apoio na área da saúde e sindical em geral, uma vez que teve importante trabalho realizado enquanto diretor do Sindicato dos Médicos de São Paulo.

João Bosco, também candidato a deputado estadual pelo PCdoB, é uma das personalidades políticas mais conhecidas na região do Vale do Paraíba, no interior paulista. É vereador pela terceira legislatura na cidade de São José dos Campos e ex-presidente da Conam (Confederação Nacional das Associações de Moradores).

Sua campanha no Vale do Paraíba é marcada por estreito vínculo com o movimento sindical da região, conta com o apoio do Sindicato dos Metalúrgicos de Pindamonhangaba, Sindicato dos Químicos de Guaratinguetá, Sindicatos dos Metalúrgicos e dos Bancários de Taubaté e dos Sindicatos dos Laticínios e dos Trabalhadores na Indústria de Calçados de São José dos Campos. No movimento por moradia João Bosco também conta com grande prestígio.

Tanto no interior quanto na capital, a candidatura de João Bosco é refe-

rencial na defesa da cidadania negra. Ele é considerado pelo conjunto da coligação dos partidos de esquerda formada em São Paulo como o candidato a deputado estadual do movimento negro com mais chances de se eleger.

Este panorama da candidatura dos comunistas em São Paulo mostra que todos eles têm grandes possibilidades de serem eleitos. Para isso acontecer, no entanto, é necessário que o empenho da militância se multiplique cada vez mais.

*Colaborador em São Paulo

Paulo Torraca/Fóton



Jamil Murad tem o respaldo de amplos setores do sindicalismo



O presidente nacional do PCdoB fala no comício da Sé. Confiança nas forças populares



CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Aldo recebe amplo apoio em SP

O comitê de campanha da candidatura de Aldo Rebelo promoveu no último dia 2 de agosto, no restaurante L'osteria Del Generale em S. Paulo, um jantar de apoio à candidatura do vereador comunista à Câmara Federal.

O evento, que contou com a presença de cem pessoas, serviu para comprovar a amplitude da candidatura de Aldo Rebelo, reunindo na mesma mesa personalidades de diferentes representatividades do campo político, cultural e intelectual de São Paulo. O jornal **A Classe Operária** esteve presente e algumas destas personalidades que apóiam o candidato comunista deram seu depoimento sobre a importância de eleger um deputado federal do PCdoB em São Paulo.

"Aldo Rebelo é energia, vontade, a mais digna indignação para que haja o quanto antes liberdade e justiça em nosso país para todo o povo brasileiro". (Eduardo Matarazzo Suplicy, Presidente da Câmara Municipal de São Paulo, e candidato ao Senado pela União Democrática Popular).

"A eleição de Aldo é mais do que uma necessidade, é o restabelecimento da face política de São Paulo. O rosto de nosso estado está desfigurado com a ausência de um comunista na Câmara Federal. Aldo é um defensor do trabalhador, e incansável promotor da luta pelo socialismo, ele representa o anti-Collor por ser um alagoano que denuncia nacionalmente as atrocidades do governo federal. (João Hermann deputado federal pelo PSB e candidato a vice-governador de São Paulo



Aldo confraterniza com Suplicy. Aliança para vencer

pela coligação União Democrática Popular).

"Aldo Rebelo é um grande companheiro, se revelou para mim um homem de excelentes princípios, travamos juntos importantes batalhas na Câmara Municipal de São Paulo obtendo importantes vitórias. Acho de fundamental importância para São Paulo ter um homem público da estirpe, da honradez, do caráter e da combatividade de Aldo no Congresso Nacional". (Júlio César Caligiuri, vereador do PDT na Câmara Municipal de São Paulo).

"A trajetória de luta de Aldo Rebelo no movimento estudantil e agora no parla-

mento, a vinculação de sua campanha com as lutas do movimento popular e sindical, o credenciam para engrossar a bancada de deputados progressistas que defendam o socialismo opondo-se ao plano Collor e ajudando a alterar a correlação de forças do Congresso Nacional" (Rui Falcão — presidente do Diretório Municipal do PT de São Paulo).

"Aldo Rebelo é uma das pessoas mais preparadas e que melhor dominam as questões nacionais, entendo que ele será na Câmara Federal um dos representantes de peso na luta por uma melhor perspectiva para nosso país". (Aldaiza Spozati — Secretária

das Administrações Regionais da cidade de São Paulo).

"Aldo Rebelo é um companheiro de grande valor para a comunidade árabe — Palestina de São Paulo e do Brasil e para a luta do povo palestino. Sempre esteve ao lado não só do povo palestino como de todos os povos e minorias oprimidas do mundo. Aldo merece todo o apoio de nossa comunidade." (Emir Mourad, coordenador da Sociedade Árabe-Palestina Brasileira).

"Aldo é um militante que faz política com sensibilidade. Seu discurso se assemelha ao canto de um menestrel que

semeia uma rebeldia a um só tempo profana e sagrada, incutindo esperança e determinação na alma do povo". (Nádia Timm, artista plástica).

"Conheço Aldo Rebelo desde a época em que ele atuava no movimento estudantil e o admiro por estar sempre ligado às artes e ao movimento cultural. Tenho certeza de que ele pode fazer muita coisa em defesa da cultura nacional". (Bárbara Barreto, agitadora cultural e proprietária de uma casa de cultura em São Paulo).

"Acho de suma importância a eleição de Aldo Rebelo à Câmara Federal para fazer frente ao Plano Collor e reverter o atual quadro político de nosso país". (Nei Gonçalves, vice-presidente da Associação de Amizade Brasil-Albânia).

"Conheço Aldo Rebelo e seus companheiros há vários anos. São pessoas que sempre defenderam os trabalhadores e o povo brasileiro. A trajetória de Aldo é marcada pela defesa dos trabalhadores desde os tempos da UNE. Não abro mão de votar em um candidato socialista, porque o socialismo é o sonho mais importante que a humanidade já produziu". (Alvaro Caropreso, jornalista de O Estado de São Paulo).

Este amplo leque de representatividades e personalidades que apoiam a candidatura de Aldo Rebelo em São Paulo reflete a força de sua candidatura no estado de São Paulo, capaz de ir além dos limites do partido e penetrar em importantes setores da sociedade. (Rogério Siqueira).

UDP cresce nas regiões populares de SP

Está a todo vapor a campanha da União Democrática Popular na zona sul de São Paulo. A população de Santo Amaro — conhecida por sua combatividade — abraçou a campanha dos candidatos da UDP, especialmente dos candidatos do PCdoB, Aldo Rebelo (deputado federal) e Jamil Murad (deputado estadual), graças à atuação histórica do partido na região.

No último dia 04 de agosto, Aldo e Jamil estiveram em Santo Amaro onde foram recebidos por centenas de pessoas que lotaram o salão da Sociedade Amigos de Bairro do Parque Figueira Grande, na estrada do MBoi Mirim.

A calorosa recepção dos moradores demonstra que a campanha vem crescendo e que o trabalho de mutirão que a militância tem feito nos bairros traz bons resultados. "Os trabalhadores, os operários, a juventude e as donas de casa conscientes da zona sul pegaram nas mãos a campanha e têm feito reuniões, visitas, panfletagens e andanças pelos bairros, esclarecendo o povo de que a política tem que ser a política do trabalhador, e para ser a política do trabalhador de-

ve se votar nos candidatos do PCdoB", afirma Jamil Murad.

Aldo Rebelo acredita que a mobilização de campanha em Santo Amaro deve se refletir em outras regiões. "Santo Amaro já realizou comícios, já realizou várias atividades como esta aqui no Parque Figueira Grande, e poderá ajudar também a estimular a luta em outras regiões da cidade e no próprio Estado de São Paulo. Eu acho que a campanha começa a pegar fogo a partir de Santo Amaro".

Segundo informação de Olival Freire, presidente regional do PCdoB paulista, a campanha na zona sul está melhor que na média do Estado, onde por ser uma campanha curta, a militância precisará correr muito para recuperar o tempo perdido.

O ex-deputado federal Aurélio Peres acha que um dos problemas é a falta de recursos, e o vereador Vital Nolasco considera que "crescendo a campanha dos majoritários, Plínio de Arruda Sampaio (governador) e Suplicy (senador), o volume de campanha dos nossos candidatos também aumentará".

Experiente, João Amazonas, presidente nacional do PCdoB, não se



Plínio saúda o povo no comício da Praça da Sé.

preocupa com a má colocação de Plínio nas pesquisas, nem com o pouco tempo de campanha. João Amazonas lembra que Erundina e Lula também estavam mal nas pesquisas e que viraram o jogo, por isso ele aposta na conscientização do povo na reta final de campanha. "Eu acho que a candidatura do Plínio vai subir e subir rapidamente, porque é o melhor candidato de todos os que se apresentaram para o governo de São Paulo", afirma.

Foto: Paulo Torraca/Fóton

Militância combativa

Como um bairro marcadamente operário, Santo Amaro se tornou famoso por ter sido o palco da luta contra a carestia, por ter patrocinado a maior resistência contra o desemprego e a recessão no início da década de 80, e por ter preparado a luta dos desempregados contra a recessão no fim do governo Figueiredo. A tradição de luta do bairro Amaro

se deve ao operariado consciente da região e à militância abnegada, como a do Parque Figueira Grande que, sabendo da importância dessas eleições para derrotar as elites e a burguesia e para fortalecer a luta popular no estado e no Brasil, tem jogado peso nas visitas aos moradores e na discussão política com a população.

Maria Saraiva, importante liderança da região, falou que várias reuniões foram feitas antes da plenária, da qual participaram, além do Parque Figueira Grande, o Parque Europa, o Jardim Alfredo, o Jardim Imbé e o Jardim Klein.

Pelo que tem ouvido dos moradores do bairro, Neusa Alves de Freitas Clemente, do Conselho Fiscal da Sociedade de Amigos do Bairro Jardim Klein, acredita que Aldo e Jamil terão boa votação. "A população do bairro está revoltada com o governo Collor e anseia por melhores condições de vida", afirma.

Por sua combatividade, a região de Santo Amaro tem um papel fundamental nesta campanha. "Se nessa eleição o Brasil tem os olhos voltados para São Paulo, tem mais ainda voltados para Santo Amaro", resume Aldo Rebelo. (Fonte: Sérgio Guimarães)

TRE impugna candidatura de Roriz ao governo do DF

José Euflávio*

"A justiça tarda, mas não falha". Nunca o ditado popular esteve tão em moda em Brasília, depois que o Tribunal Regional Eleitoral negou registro à candidatura de Joaquim Roriz ao Governo do Distrito Federal. A decisão foi tomada por três votos a dois, no último dia 10, e representou a primeira derrota para a Frente Comunitária, uma coligação formada por siglas de aluguel e que tem Roriz como principal mentor.

As impugnações foram relatadas pelo juiz Euclides Reis Aguiar que, com base em argumentos do procurador eleitoral, Ítalo Fioravante, derubou as teses da assessoria jurídica de Joaquim Roriz, de que o ex-governador poderia concorrer ao Governo do Distrito Federal (GDF) por "não ter sido eleito" e "não ter exercido mandato" e sim "ocupado um cargo de confiança, que depende de nomeação pelo presidente da República".

Roriz, candidato de Sarney e de Collor ao Governo do Distrito Federal, foi governador biônico de Brasília de 15 de setembro de 88 a 12 de março deste ano. Os juízes acharam que Roriz, embora nomeado, foi governador de fato. Tendo exercido tal cargo, se lhe fosse dado o direito de concorrer ao GDF, ficaria constatada agressão à Constituição do país.

Para o procurador eleitoral Fiora-

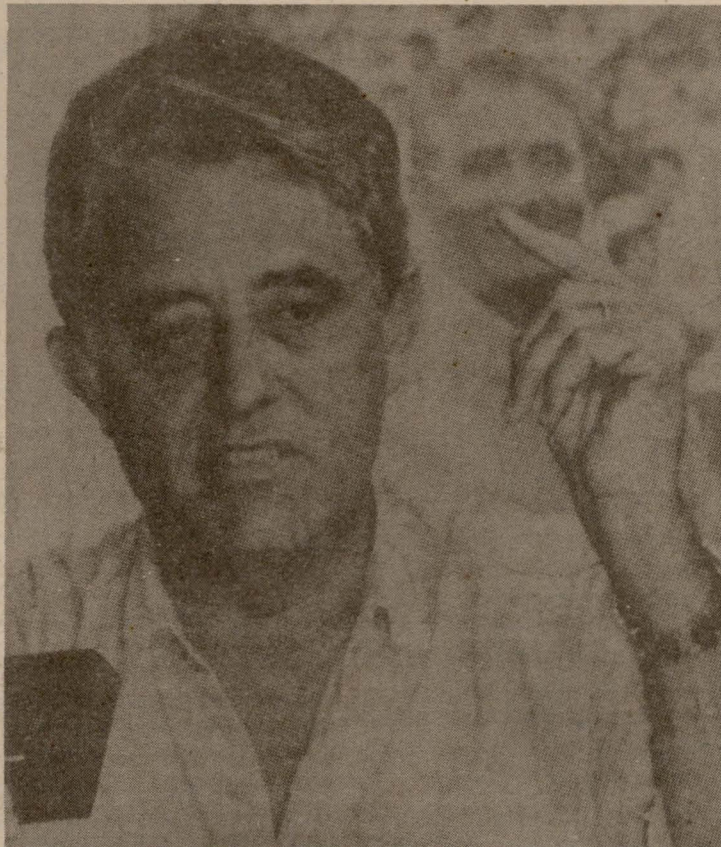
vante "a nomeação não deixa de ser procedimento de escolha". No seu entendimento, a administração de Joaquim Roriz à frente do GDF se deu quase exclusivamente sob a regência da nova Carta Magna.

O juiz Euclides Reis Aguiar foi contra a concessão do registro à candidatura de Roriz para evitar "uso das influências do exercício do cargo", sendo irrelevante que o tenha ocupado por nomeação. Para ele, "não se pode ferir a Constituição da forma como a assessoria do ex-governador quer fazer".

Clientelismo

Joaquim Roriz é um político clientelista, serviçal de poderosos que vão de Sarney a Collor, tem um acordo firmado com empresários do setor de transporte coletivo e com grandes construtoras do DF. Mas não fica aí. Prevendo ser candidato ao GDF, ele distribuiu lotes entre famílias pobres vindas do Nordeste e formou uma das maiores favelas do país. Samambaia é o próprio retrato de Roriz: uma população de aproximadamente 30 mil pessoas mora em condições de miséria num lugar onde não há esgoto, luz, telefone, nenhuma infra-estrutura.

Com base nesse aliciamento de vo-



Roriz, ex-governador biônico de Brasília, não pode ser candidato, conforme a decisão do Tribunal Regional Eleitoral

tos, uma das características da coligação que apóia Roriz, ele tentou ser candidato contrariando a Constituição, que é clara em seu artigo 14, parágrafo 5º: "são inelegíveis para os

mesmos cargos, no período subsequente, o presidente da República, os governadores dos Estados e do Distrito Federal, os prefeitos, e quem os houver sucedido nos seis meses

anteriores ao pleito". É a lei. Cumpra-se.

Reação desesperada

Numa tumultuada entrevista segunda-feira, 13, o ex-governador Joaquim Roriz queixou-se da decisão do TRE e prometeu recorrer ao TSE, alegando que "as minhas vitórias no passado não foram fáceis". Foram. Roriz já foi nomeado prefeito de Goiânia, governador de Brasília, sua família dispõe de um canal de TV em Luziânia e todos os seus parentes são empregados do GDF e do governo federal.

Roriz tem duas caras — metade Sarney, metade Collor. Ano passado defendeu cinco anos para Sarney, induzindo deputados amigos. Em troca, recebeu um canal de TV, administrado por sua família.

Grandes empresários dos transportes coletivos de Brasília e especuladores imobiliários, donos de construtoras e incorporadoras, apóiam Roriz. Foram eles que levaram o candidato a recorrer ao TSE da decisão do TRE. Eles esperam que seu chefe político possa ser candidato para continuarem explorando o povo pobre de Brasília.

Correspondente em Brasília

Goiânia dá sinais de garra na campanha para bater a reação

No último dia 14, a população de Goiânia deu sinais de que está desperta e disposta a participar com garra da campanha eleitoral para derrotar as forças conservadoras. Uma movimentada e entusiástica caminhada ocorreu nas principais ruas da capital goiana, tendo à frente o senador Iram Saraiva, candidato das forças progressistas ao governo estadual e outras lideranças políticas do Estado, como o candidato a deputado federal pelo PCdoB, Aldo Arantes.

Outro evento que indica a intensificação da participação popular na campanha foi o lançamento da candidatura de Divino Goulart a deputado estadual na sede da Federação dos Trabalha-

dores na Agricultura do Estado de Goiás. Divino, ex-presidente da entidade, é o primeiro candidato camponês a um posto parlamentar desde José Porfirio, deputado dos trabalhadores rurais assassinado nos anos 60 pelo regime militar. O lançamento da candidatura de Divino contou com a presença de mais de 300 pessoas, entre as quais numerosas representações camponesas do interior do Estado. O ato de lançamento foi prestigiado pelas lideranças da frente, inclusive por um porta-voz do candidato a governador Iram Saraiva.

Enquanto isso, a candidatura de Aldo Arantes a deputado federal vai se enraizando nos setores organizados da população goiana.

Ao lado de Denise Carvalho, candidata a deputada estadual, o líder comunista tem realizado frequentes visitas às grandes empresas, universidades e escolas secundárias. Aldo Arantes participa de uma maratona de comícios pelo interior. Em Anápolis, sua cidade natal, segundo maior colégio eleitoral do Estado, com mais de 100 mil eleitores, é visível o crescimento de sua candidatura.

Também a campanha de Denise Carvalho tem conquistado importantes adesões, como demonstra a grande festa realizada no Clube Social Feminino, dia 16 de agosto, com a presença de mais de mil pessoas.



CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Aldo Arantes dá sinais de garra na campanha para bater a reação.

"Chapa das mulheres" ocupa as ruas e praças da Bahia

Pedro Augusto Pereira*

Um "arrastão" organizado pelos bancários na terça-feira, dia 14, pelas ruas do Comércio, em Salvador, marcou a nova fase da campanha da Frente Popular para as eleições de outubro na Bahia. A manifestação, iniciada às 11 horas, somente terminou depois das 14 horas, com um comício em frente à matriz do Banco Econômico, um dos maiores conglomerados financeiros do país, presidido pelo ex-ministro da Indústria e do Comércio no governo Geisel, Angelo Calmon de Sá, "um dos piores patões" na avaliação dos bancários.

"Ganhar as ruas"

A candidata a governadora, Lídice da Matta (PCdoB), entende que agora a campanha vai "ganhar as ruas", palco privilegiado da militância dos partidos que integram a Frente Popular. Um ensaio dessa nova fase foi dado na semana passada com uma caminhada do Campo Grande ao Largo de São Bento, também em Salvador, que contou com a adesão maciça dos



A "chapa das mulheres" cria fatos políticos e ganha as ruas em busca do voto popular

peões da construção civil, personagens da mais longa greve no setor, parado há mais de um mês.

Violência

A iniciativa assustou a direita. Ao final de um comício improvisado no largo, próximo à sede do Sindicato dos Trabalhadores na Construção Civil, policiais militares armados de escopetas e metralhadoras invadiram o ato político e tentaram prender um popular a pretexto de terem sido ofendidos. A violência policial foi contida pela pronta intervenção dos candidatos da Frente, mas não deixou de ser denunciada com toda a ênfase na imprensa e no horário gratuito da TV.

Depois de um período de "conquista de espaços" e "formação de imagem" no horário eleitoral gratuito, e superadas as primeiras dificuldades de organização da campanha, a coordenação da Frente Popular entende que chegou a hora da "chapa das mulheres" — Lídice para o governo, Salette para vice e Bete para o Senado — criar fatos políticos, promover atos de massas, ocupar as ruas na capital e no interior. O discurso começa a mesclar gravações em estúdio e debates em círculos fechados com manifestações públicas, de preferência nas ruas e praças da capital e principais cidades do interior. Ao lado disso, intensificar o ataque aos candidatos da direita, especialmente ao ex-ministro Antonio Carlos Magalhães, mas também a Roberto Santos (18%), o candidato do governador Nilo Coelho e a Luis Pedro Irujo, do PRN, candidato do pai, o empresário Pedro Irujo, dono de um poderoso sistema de comunicações, com TV, rádios e jornais em Salvador e no interior.

"Cinismo Eletrônico"

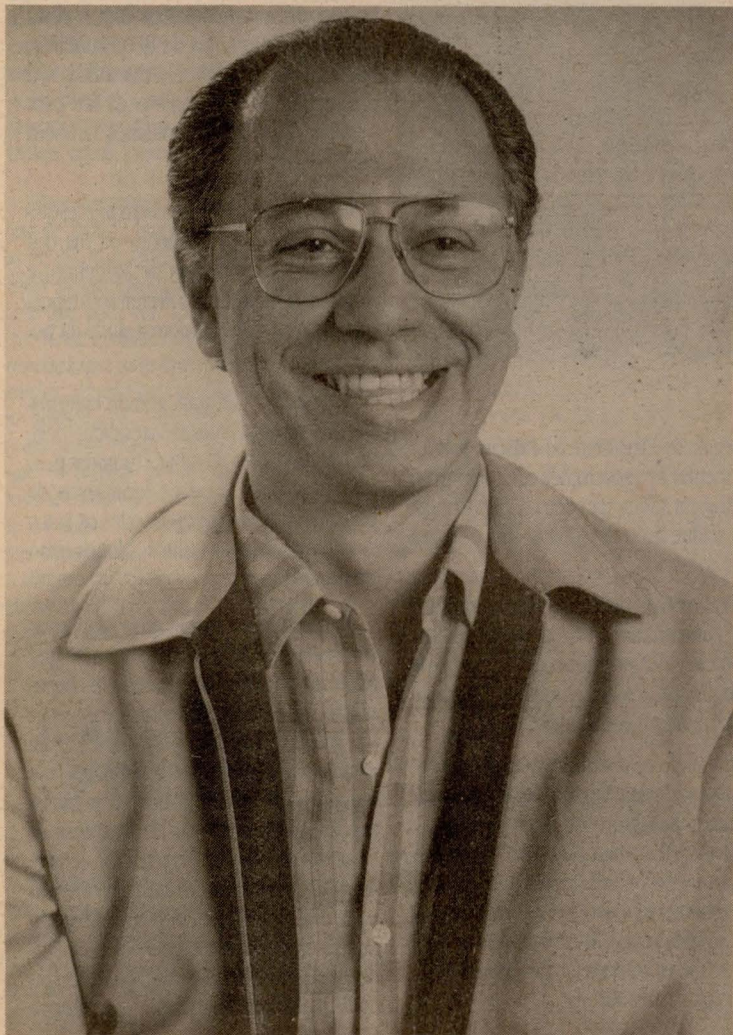
Lídice deu este novo tom da campanha no comício de terça-feira, em frente ao Banco Econômico. Fez um discurso empolgante, firme e combativo, apresentado no mesmo dia no

horário gratuito. Denunciou o que considera "cinismo" do ex-ministro Antonio Carlos que tem aparecido na TV como um "santo" e até faz críticas ao regime militar. "Ele pensa que nós perdemos a memória e esquecemos que ele foi um dos mais entusiásticos defensores da ditadura militar". E completou: "Ele representa na Bahia a política de arrocho salarial e desemprego do governo Collor, que ele tem vergonha de dizer que apóia".

Domingos Leonelli e Abigail Feitosa, deputados federais do PSB e candidatos à reeleição, destacaram o fato de estarem na Frente todos os constituintes "nota 10" escolhidos pelo Diap — Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar. E Haroldo Lima, do PCdoB, registrou a formação política de cada lado: "Enquanto nós fomos forjados na luta dos trabalhadores, nas greves, nas passeatas, nos piquetes, eles se criaram na repressão aos operários, aos estudantes, botando a polícia contra nós, impondo o arrocho salarial".

Novas ações de massa estão previstas, não apenas pela Frente Popular como por sindicatos e entidades identificados com a coligação.

*Correspondente na Bahia



Haroldo diz que na Bahia há dois campos opostos em luta

Povo de Belém adere em massa à Frente Popular

A "Praça do Operário", em Belém, viveu um grande momento no dia 11 de agosto, quando foi realizado um comício da Frente Popular Novo Pará, da coligação que reúne PSDB, PCdoB, PSB, PT, PDT e PCB, com cerca de 10 mil pessoas. Foi um ato marcado pelo tom de firme denúncia do governo antinacional e antipopular de Fernando Collor e um passo à frente da candidatura de Almir Gabriel, do PSDB, ao governo estadual. O presidente do PT, Lula, esteve presente.

O quadro eleitoral já está bem definido no Pará, tendo de um lado dois candidatos das oligarquias, que parecem preocupados em decidir quem roubou mais do povo paraense. O ex-governador e ex-ministro Jader Barbalho e Sônia Xerfan, este último apoiado pelo governador

Hélio Gueiros, são opções da direita, contra a qual existe a frente popular encabeçada por Almir Gabriel.

Como disse a vereadora Socorro Gomes, candidata a deputada federal pelo PCdoB, "Jader Barbalho, Hélio Gueiros e Xerfan deveriam estar concorrendo a uma vaga na cadeia e não ao governo, uma vez que até agora usam rádio, jornais e televisão locais para acusações mútuas, um chamando o outro de ladrão e corrupto".

Almir Gabriel disse durante o comício que a Frente Popular Novo Pará "propiciará um governo com a mais ampla participação popular", ressaltando, especialmente, que a violência e impunidade "serão banidas do nosso Estado, que também não será mais tolerante com a corrupção".

Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois

As baionetas contra os sem-terra

Vanessa Locatelli

A polícia do Rio Grande do Sul descarregou suas baionetas sobre os colonos sem-terra na quarta-feira, oito de agosto. Os candidatos do PcdB, Edson Silva e Jussara Cony, agiram durante todo o confronto para evitar o massacre dos agricultores, mulheres grávidas e crianças. O centro de Porto Alegre foi o palco de mais um conflito de terra no Estado.

A luta pela terra se arrasta há 11 anos, desde que 1.200 famílias ocuparam uma área na Encruzilhada Natalino, do município de Ronda Alta. Depois foi a fazenda Annoni, em Sarandi — Boa Vista, em Cruz Alta e Capela, em Capela de Santana. Na quarta-feira, esgotou o prazo em que os governos estadual e federal haviam prometido uma solução para as 1.700 famílias acampadas na área insalubre da Boa Vista, Cruz Alta. Em fevereiro de 1989 várias crianças morreram no acampamento de Rincão do Ivaí, devido à pulverização aérea. Antes, ocorreu o massacre de Santa Elmira e na metade desse ano um sem-terra de Cruz Alta foi baleado pela Brigada Militar.

Ainda não se apagou da memória dos gaúchos o massacre ocorrido em 88 na Fazenda Santa Elmira ou o ataque aos acampados da Fazenda Boa Vista, do Ingra, há três meses, e já se guardam novas lembranças da violência nos conflitos de terra. Só que dessa vez, o confronto tomou a forma das ruas e praças da cidade.

Quarta-feira, dia oito de agosto: dia de tragédia no centro de Porto Alegre. A Brigada Militar montou um aparelho de guerra para reprimir cerca de 400 colonos que chegaram bem cedinho da manhã das Fazendas Capela (Capela de Santana), Boa Vista (Cruz Alta) e da Annoni (Sarandi). A contabilidade dos feridos foi longe. Pouco mais de 40 agricultores e 22 brigadianos. O soldado Valdeci de Abreu Lopes, 27 anos, morreu ainda na esquina da Rua dos Andradas com a Borges de Medeiros.

Intenções Premeditadas

O sexto conflito de terra nesse semestre que envolve 8.325 pessoas em todo o Estado, se delineou quando às 6 horas os colonos ocuparam a praça da Matriz, onde estão localizados o Palácio Piratini, do Governo Estadual, a Catedral e a Assembléia Legislativa, dispostos a pressionar o governo para que as 1.700 famílias das Fazendas Capela, Boa Vista e Annoni conseguissem a sua gleba de terra.

Em seguida, uma comissão dos colonos se dirige à Assembléia para conseguir o apoio dos deputados. Mas a Brigada Militar não se demora. Os soldados se postam tensos, reclamando até com a posição dos carros estacionados nas imediações do Palácio do Governo.

No Palacinho, onde reside o governador Sinval Guazzelli, o ajudante-de-ordens, capi-



A Brigada Militar portou-se como um exército da UDR



As modestas foices desafiaram determinadas a arronjância da tropa

tão PM Reovaldo Vasconcelos, informa os secretários do governo sobre a situação.

Às nove horas, enquanto o governador procura acompanhar os entendimentos mantidos no Piratini pelos seus secretários, chegam as primeiras ambulâncias do Hospital de Pronto Socorro (HPS) e os soldados do 9º BPM cercam a praça da Matriz. A ornamentação de guerra estava pronta. Nesse horário, a direção do HPS já havia sido avisada pelo comando da Brigada Militar de que haveria muito o que fazer naquela quarta-feira. A denúncia das intenções premeditadas das forças policiais foi denunciada no dia seguinte pelo prefeito de Porto Alegre, Olívio Dutra.

O deputado do PMDB Erani Muller, vice-presidente da Comissão de Agricultura da Assembléia, foi encarregado de transmitir a posição dos sem-terra ao secretário da Agricultura, Marcos Palombini. Eles não iam sair da praça, enquanto não houvesse garantia do cumprimento das promessas

do governo, que já mofaram sob a ação do tempo. O prazo da última, alinhavada entre os governos estadual e federal, prevendo a compra conjunta de mil hectares de terra, esgotara nessa mesma semana.

Foices contra as baionetas

Não demorou meia hora e 20 cavaleiros (vide 1964) da Brigada Militar amontoam-se em frente ao Palácio. O comandante do policiamento da capital, coronel Jair Portela dos Santos, ordena aos colonos que a retirada deve ser feita em 15 minutos. Ele afirma também que a tropa (cerca de 300 homens) "reagirá somente se for atacada".

Jussara Cony, candidata a deputada estadual do PCdB, Tarso Genro, candidato ao governo pela Frente Popular (PT, PCB e PSB) e o deputado do PT José Fortunati,

chegam às 11h30min. ao Palácio, para intermediar as negociações com o governo. A Brigada Militar não deu chance. O mapa do ataque ficou desenhado com o sangue dos colonos.

Os pelotões deixaram a frente do Palácio, atravessaram a rua que serve de estacionamento e avançaram em formação de ponta de lança sobre os manifestantes que estavam na praça da Matriz.

Atingindo o cordão de proteção dos colonos que empunhavam foices, enxadas e facões, deflagrou-se a batalha campal.

O arsenal era farto. Os policiais usavam baionetas, revólveres, bombas de gás lacrimogêneo e de efeito moral. As explosões se multiplicaram e as treze barcas de lona preta que os colonos haviam montado começaram a desmoronar.

Nem a imprensa escapou da fúria da BM, embora os jornais tenham esquecido disso no dia seguinte.

Mês do cachorro louco

O cheiro do gás lacrimogêneo toma conta do Palácio. Jussara Cony contou que as negociações estavam em pleno andamento quando foram surpreendidos por um estampido do lado de fora. Abandonaram a reunião e deram com os olhos no dramático dia que o mês de agosto viveu em Porto Alegre.

Os colonos se defendiam com os seus instrumentos de trabalho, jogavam pedras e arremessavam de volta as bombas de gás.

Às 11h30min., o HPS recebeu a primeira leva de feridos. A correria de ambulâncias, táxis e viaturas da BM que depositavam as vítimas causa uma aglomeração de curiosos no local. Pouco depois, a BM já cercava o Hospital. Um batalhão de pelo menos 50 homens passou o dia inteiro dentro das dependências do Hospital, levando a direção a comunicar ao comando do CPC que o excesso de pessoal dificultava o atendimento dos feridos.

No centro, os colonos que conseguiram fugir ao cerco dos brigadianos, descem correndo a avenida Borges de Medeiros em direção à Prefeitura Municipal, procurando refúgio. Os gritos são o tom da revolta contra os governos estadual e federal que emperram a realização da reforma agrária. O comércio fecha suas portas.

Perto das 11h40min. explodem as últimas granadas. Vários colonos são obrigados a permanecer deitados com o rosto no chão, sob as botas da Brigada Militar. Muitos estão feridos. Outros ainda, são carregados em microônibus da BM para a Polícia Civil. Vários soldados também estão feridos.

Mais de cem colonos passam pela esquina democrática (cruzamento da rua dos Andradas com a Borges de Medeiros) e se abrigam no prédio da Prefeitura, depois de driblar os policiais com a ajuda da população.

A Prefeitura vira uma grande enfermaria. Mais de 60 pessoas são atendidas, devido às fortes dores de cabeça causadas pelo gás lacrimogêneo ou os ferimentos da pancadaria. Há sangue por todos os lados do Paço Municipal e muitos colonos estão em estado de choque.

Alguns colonos fogem pela rua Jerônimo Coelho, também em direção à Borges. No caminho, o PM Valdeci de Abreu Lopes morre às 11h45min, depois de receber um golpe de foice no pescoço. Ainda na esquina da Jerônimo com a Borges, um sem-terra foi apanhado por 10 soldados que lhe desferiram mais de 30 golpes de cassetete na cabeça. O motorista de táxi, Paulo Moura, gritava de dentro do seu veículo: "Vão matar esse homem". O apelo do motorista não valeu e o colono foi conduzido desmaiado por um carro da brigada. Ficaram rio ar alguns boatos de colonos sumidos.

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Suspeita de insubordinação

Enquanto isso, o presidente do Diretório Regional do PCdoB e candidato a deputado federal, Edson Silva, se propôs a acompanhar um veículo da BM que saía da esquina das ruas Marechal Floriano com a Riachuelo, atropetado de colonos. Ao chegar ao palácio da polícia foi arbitrariamente detido, para após ser liberado pelo chefe de polícia Newton Müller. Edson, na tentativa de proteger os sem-terra, por alguns momentos engrossou a fila de mais de duas dezenas de presos.

Por volta das 14 horas — encerrada a batalha — o desenho ainda era tenso. A Prefeitura estava cercada por 300 brigadianos que ameaçavam invadi-la para flagrar o assassino do soldado.

Há suspeita de *insubordinação* de alguns comandantes da BM, já que o prefeito Olívio Dutra havia acertado, através de telefonema, que o governo do Estado acalmaria os ânimos à repressão.

Um acordo costurado durante mais de dez horas dentro da Prefeitura Municipal — enquanto 176 colonos aguardavam atirados pelo chão — deu o destino dos agricultores. O resultado da negociação entre a Prefeitura, lideranças do movimento popular dos partidos políticos e autoridades do governo e das forças policiais, foi a transferência dos sem-terra para o Centro de Treinamento Esportivo (Cete), a quatro quilômetros da sede da Prefeitura.

A prisão em flagrante do colono acam-

pado na fazenda Boa Vista, do Incra, Otávio Amaral, acusado de ter matado o PM durante o conflito, segue a trama da hipocrisia. Sete das dez testemunhas apresentadas na polícia reconheceram-no como criminoso no final da noite de quarta-feira. Algumas delas diziam que era ele, mas que havia cortado a barba, o cabelo e mudado de roupa. As outras apontavam-no "de acordo com a sua aparência" na hora do incidente.

As autoridades fazem vista grossa, mas, o jornal Correio do Povo denunciou na sua edição de segunda-feira que Otávio Amaral teria chegado ao HPS no primeiro grupo de feridos, entre 11h30min e 12h, conforme testemunho do estagiário de medicina Armando de Negri Filho. A equipe de reportagem do jornal fotografou o acusado entre as 12h15min e 13h. Na ocasião em que prestou entrevista, sem a menor preocupação de revelar seu nome, Otávio Amaral não tinha barba e estava com a mesma roupa com que ficou detido. A reportagem da TV Pampa (Manchete) que tomou imagens no mesmo momento também afirmou que não haveria tempo hábil para que Otávio se refugiasse na Prefeitura e depois seguisse — furando o cerco policial — para o HPS.

A denúncia irritou várias autoridades do caso, porque põe por terra a afirmação das testemunhas e da própria BM que insistiu durante todo o dia que o assassino estaria escondido no prédio da Prefeitura. Também questiona o horário de entrada do paciente no HPS, já que o boletim de atendimento informa que foi às 15h25min.



A própria direção do HPS, contudo, admite que o horário pode ser errado, porque a prioridade era o atendimento das vítimas. O seu registro era feito mais tarde em vários casos.

O inquérito policial deve estar concluído em um mês. Enquanto isso, o movimento dos sem-terra tenta o relaxamento da prisão de Otávio Amaral e José Kowalski (acusado de co-autor) ou a desqualifica-

ção das testemunhas. Os advogados dos colonos afirmam que houve coação e comunicabilidade entre as testemunhas.

★ correspondente no RS

Acampados na Ronda pela terra prometida

Na mesma quarta-feira em que os colonos e soldados da Brigada Militar confrontaram-se no centro de Porto Alegre, 230 famílias invadiram a reserva florestal da Cemapa, Rondinha, a 350 quilômetros da capital. Eles vieram da fazenda Annoni, Sarandi, em três caminhões, e a maioria tinha parentes que haviam se deslocado para protestar em frente ao Palácio Piratini.

Tão logo chegaram os sem-terra, a Brigada Militar cercou o local. De acordo com o major Ruy de Araújo Pinto, 200 soldados, incluindo o pelotão de choque de Passo Fundo, foram enviados a Rondinha para conter os invasores. Apenas a imprensa tinha acesso à área invadida, enquanto faltavam lonas para as barracas e alimentação para os colonos. Nem o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ronda Alta, Ademar Bento, e um padre de Sarandi conseguiram entrar no acampamento.

Cerca de 150 colonos tentaram chegar à reserva florestal para aumentar o número de famílias e iniciar o preparo da terra, mas a BM reforçou as barreiras e mais 40 soldados foram

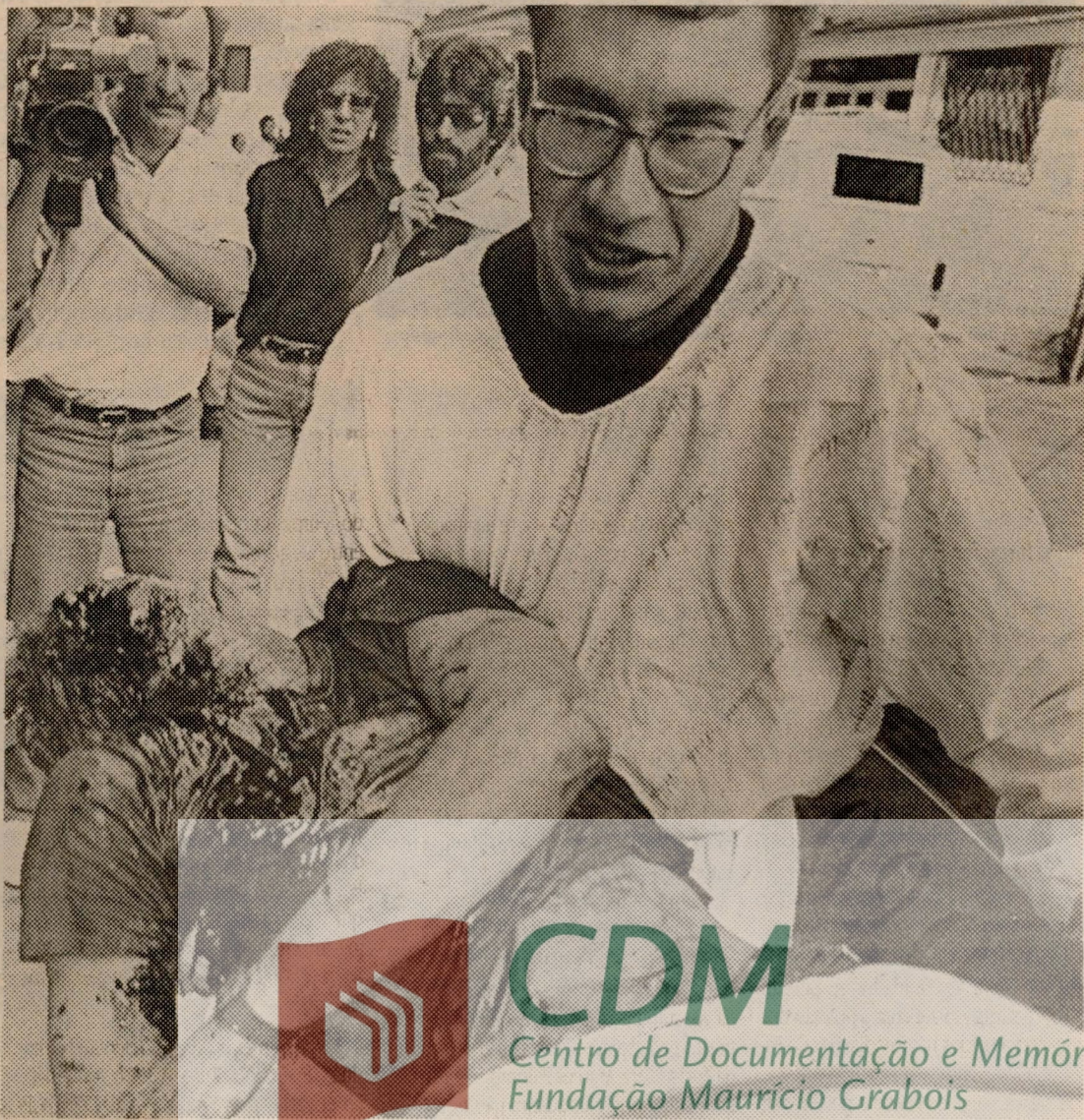
chamados. Numa verdadeira guerra psicológica, as visitas ao local estão expressamente proibidas.

Enquanto isso, a Procuradoria Geral do Estado entrou com pedido de reintegração de posse na comarca de Ronda Alta. A fazenda possui mil hectares, considerada reserva florestal, pertence à Secretaria Estadual de Agricultura e Abastecimento.

Os acampados da fazenda Annoni, que já haviam ocupado a propriedade por 16 dias no ano passado, afirmam que a terra é improdutiva e querem que o governo do Estado deixe 40 famílias na área.

Mesmo tendo cedido e aceitado negociar com os colonos, através da mediação de vereadores de Sarandi e sindicalistas, a BM "não engolirá mais provocações", conforme declarou o major Ruy de Araújo Pinto. Três agricultores foram espancados pelos policiais militares.

No Rio Grande do Sul, assim como em outros estados do país, os conflitos por terra aumentam, no compasso da demora pelos assentamentos, da mediocridade política e da urgência de uma verdadeira reforma agrária.



CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Essa é a cara da reforma agrária de Collor e Cabrera

Rio homenageia vítimas da ditadura

O grupo Tortura Nunca Mais — seção Rio de Janeiro — promoveu no último dia 14 a inauguração simbólica de um conjunto de 56 ruas cujos nomes foram modificados para

homenagear brasileiros que desapareceram vitimados pela repressão política que se abateu sobre o país nos anos que se seguiram ao golpe militar de 1964.

A solenidade aconteceu no bairro popular de Paciência, distrito de Campo Grande. Mais de 100 pessoas, entre líderes do Tortura Nunca Mais, familiares dos homenageados e membros das associações comunitárias locais estavam presentes. Eles ouviram, emocionados, as palavras do professor José Morais, que preside o movimento no Rio e fez um veemente pronunciamento em defesa da liberdade e contra os responsáveis pela instauração, por duas décadas, de um ambiente de terror político no país.

Entre os homenageados há numerosos combatentes mortos na guerrilha do Araguaia. Mas há também vítimas de episódios ainda pouco conhecidos da opinião pública. É o caso da paraguaia Soledad Viedma. Exilada de seu país para fugir da ditadura Stroessner, ela participou na década de 70 da luta clandestina pela restauração da democracia no Brasil. Viveu em Recife até 1976. Grávida, foi descoberta pela polícia e morta a pauladas numa praia de Pernambuco naquele ano.

O Tortura Nunca Mais conquistou a simpatia dos moradores de Uruçânia ao afixar no bairro numerosos cartazes com fotos e breves biografias dos desaparecidos que agora dão seu nome aos logradouros públicos. Incansável em seu propósito de resgatar a memória dos que deram sua vida na luta pela liberdade, o grupo mobiliza-se agora pela edificação, na região central do Rio, do monumento projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer para homenagear as vítimas da repressão. Por seu turno, o Tortura

Nunca Mais — seção S. Paulo — prepara-se para lutar para que iniciativa

semelhante seja adotada pela prefeitura de seu município.



Mais de 100 pessoas participaram da homenagem aos desaparecidos, dirigida pelo professor José Morais.



Os homenageados

Relação de desaparecidos políticos que tiveram seus nomes reconhecidos em logradouros públicos na cidade do Rio de Janeiro

| | |
|----------------------------------|----------------------------------|
| Adriano Fonseca Fernandes Filho | João Gualberto Calatrone |
| Alberci Vieira dos Santos | João Penido Burnier |
| Aldo de Sá Brito Souza | Joaquim Alencar de Seixas |
| Angelo Pezzuti da Silva | Joelson Crispim |
| Anatália de Souza Alves de Melo | Jorge Alberto Basso |
| Antonio Carlos Monteiro Teixeira | José Ferreira de Almeida |
| Antonio Teodoro de Castro | José Humberto Bronca |
| Aylyton Adalberto Mortari | José Lima Piauhy Dourado |
| Benedito Gonçalves | José Maximiliano de Andrade Neto |
| Cilon da Cunha Brum | José Mendes de Sá Roriz |
| Demerval da Silva Pereira | José Milton Barbosa |
| Devanir José de Carvalho | José Sílton Pinheiro |
| Dinalva Oliveira Teixeira | José Soares dos Santos |
| Edgar Aquino Duarte | Libero Giancarlo Castiglia |
| Eremias Delizoicov | Lourdes Wanderley Pontes |
| Eudálio Gomes da Silva | Luiza Augusta Garlippe |
| Fernando Augusto da Fonseca | Manoel Aleixo da Silva |
| Gerosima Silva Pereira | Margarida Maria Alves |
| Getúlio D'Oliveira Cabral | Nelson de Lima Piauhy Dourado |
| Gildo Macedo Lacerda | Orlando Momeno |
| Hélcio Pereira Fortes | Otacílio Martins Gonçalves |
| Idalísio Soares Aranha Filho | Pedro Jerônimo de Souza |
| Issami Nakamura Okano | Ranúsia Alves Rodrigues |
| João Batista Rita Pereda | Raimundo Ferreira Lima |
| João Carlos Haas Sobrinho | Roberto Rassado Rodrigues |
| | Rosalindo de Souza |
| | Soledad Barret Viedma |
| | Terezinha Vianna de Assis |
| | Váldir Sales Sabóia |
| | Wanio José de Mattos |
| | Wilson Souza Pinheiro |

O bom congresso da UJS em São Paulo

Representando 25 núcleos, 189 delegados estiveram presentes ao 5º Congresso Estadual da União da Juventude Socialista de São Paulo realizado nos dias 04 e 05 de agosto na zona sul da capital.

Este ano a entidade optou por um congresso por delegação e com isso as discussões acerca do andamento da UJS no Estado foram mais aprofundadas.

A grande novidade foi a participação dos núcleos de trabalhadores — bancários e aeroviários — além de alguns cipeiros e uma diretora de sindicato, o que demonstra que o estado de São Paulo tem seguido a deliberação do último congresso nacional da entidade de fortalecer a atuação da UJS no meio dos trabalhadores. Os núcleos com maior número de delegados foram: Baixada Santista, Santo Amaro e São Mateus.

Influência e respeito

Durante o congresso, Flávio Vilar, eleito coordenador geral da UJS no estado, lembrou a história de luta da entidade. "Nesses cinco anos, conquistou o respeito na frente política e ao mesmo tempo conta com uma vasta área de influência junto à juventude. Nesse período realizamos alguns atos, como a pichação contra o monumento fascista de Jânio; a campanha contra o Maluf em 1986 onde editamos o "Ra-

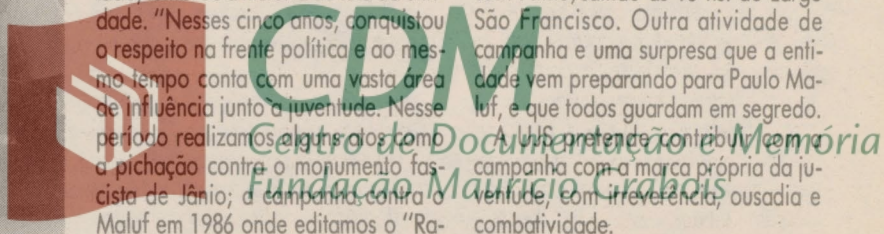
tuf"; em 87, um ato contra o Figueiredo, que iria receber uma medalha da Câmara e nós fomos estragar a festa. A nível nacional a participação de São Paulo foi fundamental na Campanha do Voto aos 16 Anos e a conquista do Grêmio Livre".

Como desafio a entidade tem que consolidar sua força no movimento dos estudantes secundaristas, aumentar sua penetração junto aos estudantes universitários — principalmente dentro da USP — e obter uma participação maior entre a juventude trabalhadora.

Ação contra Maluf

Para a campanha eleitoral, a UJS apóia a União Democrática Popular, que lançou Plínio Arruda Sampaio para o governo e Eduardo Suplicy para o Senado. Segundo Paula Palamarчук, eleita coordenadora de organização, "a prioridade agora é eleger Plínio e o nosso candidato prioritário a deputado federal, Aldo Rebelo".

No dia 05 de setembro a entidade promoverá a *Caminhada da Juventude com Plínio*, saindo às 16 hs. do Largo São Francisco. Outra atividade de campanha e uma surpresa que a entidade vem preparando para Paulo Maluf, e que todos guardam em segredo. A UJS pretende contribuir com a campanha com a marca própria da juventude, com irreverência, ousadia e combatividade.



Comunista visita Mandela



Edmilson Valentim, deputado do PCdoB, cumprimenta o líder negro Nelson Mandela.

A atividade parlamentar do Partido Comunista do Brasil combina a luta pelos direitos do povo brasileiro e a independência nacional com o internacionalismo. Em 26 de julho último, o deputado Edmilson Valentim integrou uma delegação da Câmara Federal à África do Sul, onde esteve com Nelson Mandela para manifestar ao líder negro a solidariedade na luta contra o apartheid e formalizar um convite para visitar o Brasil. O deputado comunista escreveu para a Classe um depoimento sobre a luta do povo sul-africano e os preparativos para receber Mandela.

A comitiva, integrada por mim e pelos deputados Paulo Paim (PT-RS), Benedita da Silva (PT-RJ), Carlos Alberto Caó (PDT-RJ), João Herrmann (PSB-SP) e Domingos Leonelli (PSB-BA), representava os partidos mais comprometidos no Brasil com a luta pelas liberdades democráticas e contra as formas de dominação e opressão vigentes no mundo contemporâneo. Ao retornar, trouxemos a confirmação da intenção de Nelson Mandela vir ao Brasil ainda este ano.

A liberdade que torna possível a presença do líder negro sul-africano entre nós resulta de uma extensa e dramática trajetória de lutas e protestos, que mobilizam o povo negro da África do Sul e as vozes a ele solidárias que, em todo o mundo, se insurgem contra o regime do apartheid que manteve Mandela encarcerado por quase 28 anos.

Estas lutas e protestos, traduzidos em força política, ainda não foram capazes de derrubar o regime racista que se mantém, entre outros mecanismos, através de uma legislação draconiana e de um aparato policial-militar repressivo.

Hoje o mundo ainda assiste, estarecido diante de algumas poucas imagens televisivas e outras informações que deixam vaziar para o Ocidente,

a um estado de tensão permanente na África do Sul, que se explicita em situações como a que envolveu uma população de uma localidade do país, onde os habitantes pleiteavam, num protesto pacífico, o direito de serem sócios da Biblioteca Pública (cujo acesso é permitido apenas aos brancos), enfrentando durante horas a ofensiva policial que desferia tiros e atacava os manifestantes com bombas de gás lacrimogêneo. Vale mencionar também outros atos de violência decorrentes do Estado de Emergência na província de Natal, para onde o governo deslocou batalhões de mercenários da antiga FNLA (Frente Nacional para a Libertação de Angola) que servem ao exército sul-africano, com atuação anterior na Namíbia. Esses mercenários voltam agora seu potencial bélico contra aqueles que se rebelam contra o regime racista da África do Sul.

Esses fatos ocorrem paralelamente às negociações entre o Congresso Nacional Africano (ANC), o mais antigo partido político e movimento de libertação nacional em atividade na África do Sul, do qual Nelson Mandela é vice-presidente, e o governo sul-africano, para implementar mudanças na Constituição do país. Nas negociações, as pré-condições apresentadas pelo partido de Mandela são a imediata libertação dos presos políticos e o retorno dos exilados à África do Sul.

Isto indica a importância que tem para o povo negro sul-africano a libertação de Mandela, ocorrida em fevereiro último. O fato é que a extensa permanência de Mandela no cárcere não impediu que ele se firmasse como símbolo da luta do povo sul-africano contra o racismo e o neocolonialismo e um ponto de referência significativo na atual conjuntura mundial para os povos da África, Ásia e América Latina.

É nesse contexto que se constrói o sentido político da vinda de Mandela ao Brasil. Ela servirá para fortalecer a luta do movimento negro organizado e das forças políticas progressistas que combatem a discriminação racial e a exclusão econômica e social de uma enorme parcela da população brasileira.

No entanto, nos preparativos "à brasileira" para receber o líder negro estão mostrando a tentativa de utilizá-la como manobra eleitoreira a ser capitalizada por um governo que possui entre seus expoentes pessoas que desfrutaram da hospitalidade do regime do apartheid, como o ministro da Justiça, Bernardo Cabral, quando exercia mandato de deputado federal, ou o sr. Motta Veiga, atual presidente da Petrobrás, que até a véspera de sua posse era presidente da multinacional sul-africana Anglo-Americana.

A preocupação com o oportunismo dos executores da política externa do governo, que poderiam "negociar" a vinda de Mandela, se fundamenta em várias razões. Uma delas é que este mesmo governo, ao ser empossado, propôs Medida Provisória que extinguiu a Fundação Palmares, só mantida pela pressão organizada do movimento negro. Além disso, é um governo que não inclui negros nos seus altos escalões e que, sobretudo, ainda não disse o que fazer contra o apartheid e contra o racismo.

Por essas razões estamos atentos e em luta pela articulação de um comitê mais amplo que represente os interesses das forças progressistas brasileiras, legitimamente interessadas em fazer da visita de Mandela ao Brasil um marco para o avanço na luta do povo brasileiro por um país mais justo e igualitário e para o incremento da solidariedade internacionalista ao povo irmão da África do Sul.

CONSCIÊNCIA SOCIALISTA

O povo na rua é a chave da vitória

Rogério Lustosa*

Em S. Paulo, o PCdoB dispõe de apenas 20 segundos em cada bloco do horário gratuito de rádio e TV. Enquanto isto o PMDB conta com 11,57 minutos, ou 717 segundos. Mais de 35 vezes mais tempo. Sem falar nos rios de dinheiro que movem outros mecanismos de propaganda e captação de votos, nem sempre confessáveis. Estas são as regras da chamada campanha eleitoral democrática. É neste jogo que os comunistas, apesar de tudo, disputam uma brecha para eleger seus candidatos.

Ligado ao real

Basta esta observação para comprovar que não será meramente através de eleições que o proletariado acumulará forças para as transformações sociais em profundidade. Um partido autenticamente operário não pode limitar-se a ser um partido de eleições.

Mas, por outro lado, partido da revolução não significa de modo algum partido fora da vida real. E as eleições representam um aspecto importante da vida política. Particularmente na situação mundial e do Brasil, um bom desempenho eleitoral cumpre papel destacado na batalha contra a campanha de direita, antisocialista e antipovo.

Se, para os poderosos, a chave da vitória é a supremacia de dinheiro e o aproveitamento das leis e instituições, todas a seu favor, para os revolucionários o essencial é a ligação com as massas, a defesa de seus interesses, o debate e a argumentação. Por isto, a esperança de vitória não está apenas na TV e nos panfletos mas, sobretudo, no povo na rua.

Maior que a Globo

Para fazer campanha, os militantes devem estar conscientes de que enfrentam o adversário no terreno dele, isto é, numa situação adversa para os comunistas. Por causa disto, cada combatente, para cumprir a tarefa revolucionária do momento, não pode tolerar comportamentos rotineiros. A atividade coletiva tem diante de si a obrigação de suplantar a Rede Globo ao discutir com os trabalhadores, de vencer a força do dinheiro e de transformar o descrédito, que toma conta de boa parte das pessoas, em disposição de luta para mudar o país.

A campanha deve se transformar pelo trabalho abnegado de milhares de ativistas, em movimento de massas contra a ofensiva collorista. As manifestações públicas, as bandeiras e os braços erguidos de milhões nas ruas e praças é que podem "esquentar" a disputa que a burguesia pretende manter fria. O êxito da Frente Brasil Popular no ano passado teve como ponto de virada os grandes comícios. Desde a luta pelas Diretas Já, este tem sido o apoio principal do movimento progressista. É aí que se pode inverter a maré a favor do povo. Sem descuidar logicamente de uma propaganda criativa e de denúncias vibrantes no rádio e na TV.

Nova política

Por não adotarem uma posição de classe proletária, muitas correntes de esquerda acabam se conformando com o ritmo imposto pelas classes dominantes. Imaginam competir com os mesmos métodos dos donos do poder. Não percebem que o conteúdo de uma política nova exige igualmente formas diferentes. Os comunistas têm, portanto, como encargo, além de sua própria atividade de campanha, vencer os aliados a sair em campo, mobilizar as forças populares, percorrer os bairros, conversar com os operários nas portas de fábricas, levar a mensagem de progresso aos homens do campo.

O povo vencerá o combate das urnas na medida em que tome consciência de que ele faz parte de uma luta política maior, pelo poder e por uma nova sociedade.

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois
*Da direção nacional do PCdoB

João Hermann

"Nunca foi tão grande a responsabilidade da esquerda"

Por José Reinaldo Carvalho

O candidato a vice-governador de São Paulo e presidente do PSB no Estado, dono de um rico patrimônio de participação na resistência democrática e nacional desde os anos 60, fala com exclusividade à *Classe* sobre os riscos de alienação da soberania do país e conchama as forças progressistas a conquistarem posições avançadas nas eleições de outubro/novembro a fim de se tornarem um pólo de resistência aos planos entreguistas do governo Collor.

Classe — Qual a importância das eleições deste ano no atual quadro político nacional?

João Hermann — Nesta campanha eleitoral apareceu uma questão política nova que vai assumindo dimensões de um movimento social — o nacionalismo. As pessoas estão discutindo as questões locais mas há um aspecto fulcral, que é a questão do nacionalismo. Isso se explica por uma anteposição quanto ao futuro do governo Collor, uma posição contrária à venda da soberania nacional, à entrega da nossa identidade enquanto nação, à desnacionalização das nossas reservas, empresas, capitais, tecnologia e acima tudo uma entrega quase que gratuita do capital acumulado pelo povo brasileiro no que diz respeito à venda das estatais. A sabedoria desta campanha é que se aposta nos governos estaduais, nas Câmaras e Assembléias Legislativas pensando no futuro do país, combatendo uma política entreguista e lutando para que o povo brasileiro seja o construtor de sua própria história. Em segundo lugar, penso que o exemplo de 1964 deva estar presente, não apenas porque Collor é o regime de 1964 legitimado pelo voto, mas também pelo exemplo dos governos estaduais em 1964. Não resta a menor dúvida de que em São Paulo, Minas Gerais e outros estados, os governadores foram detratadores nacionais, traidores da democracia porque aliam-se ao golpe patrocinado pelas forças imperialistas, abriram mão das prerrogativas estaduais e se entregaram àqueles que se transformaram nos grandes golpeadores da democracia.

A defesa intransigente da democracia deve ser um postulado permanente nesta campanha eleitoral. Há um terceiro aspecto que são as eleições em dois turnos. Notemos que na eleição presidencial o eleitor foi para a segundo turno baseado numa grande mensagem de esperança. Mas o fato de ter sido uma eleição solteira nos deu uma idéia de negociação em torno de quais alianças se poderiam fazer para futuras eleições. Guardadas as devidas proporções, quase que reeditamos a Aliança Democrática, ou seja algumas pessoas que adensaram a campanha do Lula no segundo turno já estavam pensando em exercer o poder. Portanto, houve uma fragilidade na negociação do segundo turno. Agora o quadro é diferente porque o segundo turno será precedido da eleição em turno único de deputados estaduais, federais e senadores, ou seja, no primeiro turno serão eleitos os representantes do povo brasileiro. Quando defendemos o parlamentarismo é porque é a única possibilidade de trazer a representação real da sociedade para o poder. É por isso que é importante a eleição de candidatos como Aldo Rebelo, Jamil Murad e João Bosco. Na minha opinião, a Câmara dos Deputados de São Paulo está com o rosto desfigurado. É como se tivéssemos um rosto sem nariz, sem lábios, um rosto leproso.



Ou seja, a não representação de um comunista de São Paulo no corpo da deputação paulista em Brasília é um rosto desfigurado porque não representa a real face da sociedade. Então aí está a novidade — a eleição dos deputados e senadores no primeiro turno para serem a forma partícipe entre 3 de outubro e 25 de novembro para a sustentação da negociação em torno do candidato a governador que for para o segundo turno.

Classe — A eleição de uma expressiva bancada representativa das forças democráticas e progressistas no Congresso Nacional e de um bom número

de governadores ligados ao povo jogaria papel relevante na oposição ao plano entreguista e autoritário do governo Collor?

João Hermann — Sim. Primeiro no que diz respeito à manutenção das regras da atual Constituição. É evidente que se o novo Congresso vier com uma base reacionária muito ampla, além de fortalecer o projeto entreguista do Collor, isto permitirá uma revisão constitucional à direita. Então, temos de ter uma bancada de pelo menos um terço do Congresso Nacional. Isto pode parecer esquisito, mas atualmente somos lá menos de 50, não chegamos a um décimo do Congresso.



E temos um Senado que é reacionário, um foco anti-povo e antidemocrático. Os governadores, evidentemente, também jogam um grande papel. Você imagine um governador fisiológico como o Maluf, o que faria se fosse eleito e dispusesse de um governo de Estado com a legitimação das urnas. Um pesadelo! Aliás, quero aproveitar a oportunidade para lançá-lo candidato a prefeito em 1992, depois de mais uma derrota que ele sofrerá. Eu não tenho nenhuma dúvida de que ao Collor não interessa a manutenção da base institucional democrática, se porventura ele for perdendo o apoio da sociedade. Nunca um presidente da República visitou tantas bases militares em tão pouco tempo. Nem os presidentes militares visitaram nos primeiros quatro meses de governo tantas bases militares. Até agora Collor já visitou 14 bases militares. Isso dá uma média de quase uma visita por semana, sem contar os desfiles de que participou, os submarinos, tanques, aviões e coisas parecidas que pilotou. Se você pensar que ao Collor não interessa em absoluto a democracia, há de imaginar que o Congresso pode vir a ser, junto com os Estados, uma grande alavanca do poder democrático nacional. O Collor pode querer antecipar o plebiscito sobre o sistema de governo e pedir a revisão da Carta para 1991. Em entrevista à "Folha de São Paulo", Delfim Netto declara textualmente que a monarquia seria um regime mais barato para o Brasil do que fosse a manutenção no Brasil de um governo presidencialista. Se você imaginar que eles estão gestando alguma coisa, há de convir que ela deverá ser detida pelo Congresso e pelos governadores comprometidos com os avanços sociais neste país.

Classe — O quadro inicial aponta o risco de avanço das forças conservadoras.

João Hermann — Olha, infelizmente hoje eu tenho diante de mim um repórter me cutucando não provocativamente. Eu estou acostumado a dar entrevistas para a imprensa burguesa e quando me provocam eu respondo dialeticamente. A uma pergunta ácida eu dou uma resposta básica. Mas, quando se trata da imprensa comprometida com o proletariado, as perguntas ácidas merecem respostas também ácidas, pois o nosso compromisso é com a verdade. Há um enorme risco de avanço de uma bancada conservadora. Primeiro pela mobilização de recursos na campanha. Eu nunca vi algo parecido em termos de investimentos de recursos numa campanha eleitoral por parte de candidatos comprometidos com o **establishment**. Há exemplos concretos: trazer o Duran de Nova Iorque, com passagem de ida e volta paga em primeira classe, remuneração de milhares de dólares, para fazer a fotografia de um candidato a governador do Estado de São Paulo, trazer o dentista do Mitterrand para examinar a cara do governador do Estado de São Paulo para ver como é que muda a cara do governador. Se você imagina só essa "operação Pitangui", você pode imaginar o que está sendo aplicado em termos de recursos na base parlamentar. Lógico que isso nos dá, e principalmente ao PCdoB, que tem a militância mais aguerrida, uma responsabilidade que poucas vezes na história se teve. Eu acho que nunca houve como agora a exigência da sinonímia entre qualificação e memória.



► Não estamos lutando contra moinhos de vento e a militância precisa de argumentos para combater os planos entreguistas do governo e do sistema que o sustenta. Temos que mostrar como está sendo causado o desemprego, o que é a recessão, o que é a venda de uma estatal, o que é a desnacionalização da economia. E mostrar os exemplos históricos, que em 1540, 1580, 1620, 1640 (e isso toda criança aprende na escola), nós recheamos de ouro as catedrais européias. Hoje imaginar que em cada banco da Wall Street, no seu mármore, no seu granito, no seu piso tem lá o suor e o sangue do trabalhador dos países do Terceiro Mundo, mostra que o ouro hoje não é extraído da mina, mas do corpo humano. Quando se vê um filme com crianças sorrindo, ou suecos, alemães, americanos e italianos bonitos, saudáveis, joviais, másculos, mulheres maravilhosas, isto nos diz também que a nossa ascendente, a nossa adolescente que se vendeu aos 13 aos de idade, a nossa criança que morreu com 1 ano, cada uma dessas misérias causadas no Terceiro Mundo é o que possibilitou essa aparente saúde que possui o Primeiro Mundo. Então, nossa tarefa é mostrar que o projeto de Collor nada mais é que um projeto neocolonialista.

Classe — Certamente, a eleição em São Paulo tem uma importância específica. Como situá-la nesse contexto?

João Hermann — Primeiro, eu quero deixar claro que eu me afasto absolutamente do bairrismo. Até porque, embora deputado por São Paulo, fiz questão de estar sempre articulado com as demais bancadas e inclusive, por cortesia, fui eleito o “melhor deputado nordestino”. Tenho a convicção de que não haverá democracia no Brasil se um Estado se transforma em imperialista dentro de seu próprio país. Quer dizer, se nós tivermos bolsões de miséria substituindo a África, teremos São Paulo substituindo o Portugal colonizador. Por isso não imagino um tipo de paulistismo, uma confederação em torno de São Paulo. No entanto, não há como desconhecer a força motriz, o poder econômico-financeiro que o Estado de São Paulo representa. Um governo democrático que dê certo em São Paulo, comprometido com a sociedade e submetido a ela, tendo competência administrativa, promovendo o desenvolvimento, dará um exemplo para o mundo. O Estado de São Paulo poderia ser uma grande base alimentadora na luta dos povos latino-americanos. Teríamos condições inegáveis de dar uma demonstração de que um Estado que tem 4 mil dólares de renda per capita, que é uma renda européia, possa vir ter essa renda sem gente debaixo da ponte, sem submundo, sem doenças, sem analfabetismo.

Classe — As pesquisas mostram que Maluf está na frente. É possível reverter o quadro e levar a União Democrática Popular ao segundo turno?

João Hermann — Não resta a menor dúvida de que há uma certa base para o ascenso do Maluf. Da mesma forma que nós consideramos o Estado de São Paulo como um grande ariete da luta popular e democrática, a classe dirigente entende o Estado de São Paulo como algo que se contrapõe a alguém que eles não confiam e que está na Presidência da República e possa dar ao Estado de São Paulo um papel secundário no projeto integracionista brasileiro. Quer dizer, o papel imperialista do Estado de São Paulo está muito envolvido com o poder da classe dirigente paulista que quer ter Maluf como seu representante.

Classe — Quêrcia tem declarado que faz seu sucessor, custe o que custar.

João Hermann — Quêrcia entende isto muito bem. Ele sabe que se der Maluf ou se der Covas, seu projeto para 1994 fica comprometido. Maluf por uma razão evidente. Ninguém melhor do que ele representa a traição ao compromissos de resistência no país. Um país que resiste de 1964 a 1990 não pode ter naquele que foi o melhor representante da subjugação das forças populares ao autoritarismo o seu representante

democrático. É uma incoerência histórica. É como levar o retrato da prostituição ao salão paroquial. Se Maluf ganhar, ele pode vir a ser aquele que disputará em 1994 com o Quêrcia. O governador de São Paulo sabe também que o PSDB, por mais que os tucanos desmintam, é o oxigênio do capitalismo, a implantação de um projeto novo, neo-liberal, neo-colonialista, a um só tempo conservador e social-democrata. Então esse binômio é como querer colocar aqui Felipe Gonzalez e o rei Juan Carlos e discutir quem vai ocupar o Alvorada e o Jaburu. Quêrcia saca isso, percebe que se o PSDB ganhar o governo do Estado de São Paulo, fica inviabilizado o seu projeto de transformar o PMDB num partido de centro-direita. Quêrcia sabe que não vai ganhar o governo de São Paulo, por isso traçou uma estratégia que consiste em evitar que os inimigos que terá em 1994 apareçam agora. Ele está procurando eleger deputados federais e senadores pelo Brasil afora para formar uma grande bancada em Brasília, inclusive apostando no Ibsen Pinheiro

É evidente que há ao lado uma certa tragédia na sociedade em relação ao desencanto político. O portavoza disso é o Alexandre Garcia, de quem eu diria que está para a política como o processo de pasteurização está para o leite. Ele conseguiu pasteurizar o processo político, mostrar que o político é aquele sujeito do anedotário, conseguiu desmoralizar o Congresso Nacional. Isso nos diz que precisamos trabalhar para demonstrar que a representação política é fundamental para a luta democrática e quem quiser esconder isso está jogando um grande papel para a retomada de um projeto conservador.

Classe — Em muitos Estados a esquerda se desuniu nesta campanha. O Rio de Janeiro talvez seja o caso mais emblemático. Isso pode ter reflexos negativos no comportamento do eleitorado?

João Hermann — Eu vejo o problema na sua evolução. O palanque do segundo turno da eleição presidencial já não era o mesmo do da eleição de Tancredo. No palanque de Tancredo havia gente como Antônio

estar juntos no Rio de Janeiro. Lá corre-se um risco enorme de enfrentar Brizola no segundo turno, ficando do lado de banqueiros, de pessoas do lixo carioca no mesmo palanque ou então optar por sabe-se lá que tipo de atitude. Mas eu creio que talvez o palanque do segundo turno aparecerá melhor talvez no segundo turno de 1990 e estará institucionalizado em 1992 porque nós não estamos em alianças esporádicas. Eu tenho certeza de que o PT, PCdoB, PSB, PCB, PDT e outros setores democráticos se transformarão em movimentos institucionais orgânicos. Nossa idéia é que haja uma estruturação orgânica da esquerda democrática para que possamos avançar unidos, embora existam nuances ideológicas mas que não atrapalham de maneira nenhuma o trem da história.

Classe — A militância popular está se acostumando a ver os candidatos e quadros socialistas e comunistas juntos. O que você considera dessa prática?



para presidente da Câmara. Ele sabe que é muito mais barato eleger deputados nas unidades mais atrasadas da Federação. Quêrcia é como um Tião Maia da política, compra uma boiada num lugar onde não tem balança nem estrada e vai vender a 1.500 quilômetro de distância onde tem balança. Quêrcia é um comprador de boi magro, está comprando o boi magro no país todo para engordar a boiada no Congresso.

Classe — Embora 3 de outubro já esteja bem próximo, tem-se a impressão de que a campanha ainda está morna. Isto é real? Há indiferentismo político na população?

João Hermann — Não, eu tenho uma leitura diferente. Acho que na verdade nós ainda não acertamos o relógio eleitoral. Hoje é dia 15 de agosto, mas na verdade é como se nós estivéssemos fazendo esta entrevista quase em 1º de outubro, se tomarmos como referência que estamos habituados com a eleição em 15 de novembro. A população não foi alertada para o fato de que a nova Constituição marcou o primeiro turno eleitoral para 3 de outubro. É preciso dizer: “a eleição foi antecipada, é agora dia 3 de outubro”. Portanto não se trata de indiferentismo. A campanha começa a se mover e a mudar. Maluf e Covas começam a cair, Plínio sobe, então o quadro vai se alterando.

Carlos Magalhães, José Sarney, Iris Rezende, Aureliano Chaves, Hélio Gueiros, Jäder Barbalho, Marco Maciel. O palanque de 1989 foi bem outro. Como engenheiro agrônomo eu me permito usar a imagem do filtro da terra, os materiais mais pesados permanecem na superfície e conforme os materiais vão sendo filtrados pela estrutura da terra, vai mudando sua textura. A democracia institucional pela qual estamos atravessando está fazendo esse papel. O período que vai da eleição do ano passado até agora é muito curto. E aí surgem as dificuldades, como em Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, mesmo aqui em São Paulo, em Minas, onde houve dificuldades até intrínsecas. Essas dificuldades requerem um período político de cicatrização. Não adianta mentirmos para nós mesmos, alguns embates trazem cicatrizes, que doem, incomodam e se exibem, a menos que haja um salto na história, o curto-circuito histórico, a cicatrização é obrigatória e aí o processo é mais lento. Você citou o caso do Rio de Janeiro. Quem pode negar o papel do Brizola no segundo turno da eleição passada? Seria negar a própria realização dos 31 milhões de votos. O adensamento da votação do Lula não veio de São Paulo, mas do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul. Se tivéssemos um programa de compromisso histórico, de memória, deveríamos

João Hermann — É, eu investi muito nisso, primeiro porque gosto de ser aluno mas não gosto de continuar aluno, mas tampouco tenho a pretensão de mestre. Mas eu apre. li muito com o João Amazonas, que me deu lições admiráveis de vida política. Em 1984, por exemplo, lutamos contra o “esquerdismo” que havia na Câmara, que se expressava de um movimento chamado Só Diretas. Esse grupo era muito “esquerdista” e evado de oportunismo. E eu não sei até que ponto oportunismo e “esquerdismo” andam juntos. O João Amazonas nos chamou para uma reunião e mostrou-nos as possibilidades de combater o regime militar dentro da situação criada na época. Na campanha do Lula, Amazonas foi o grande artífice da Frente Brasil Popular e batalhou sem se exasperar, em momentos cruciais, para que a unidade pudesse prevalecer. Eu fui aluno e me tornei, junto com o PCdoB, um co-patrocinador da aliança em São Paulo. Aqui estamos travando uma batalha política, com uma chapa plural, que contempla as representações pequista, socialista e comunista. Eu talvez possa parecer prosaico nisso que vou dizer, mas me orgulho de ter sido indicado pelo PCdoB como candidato a vice-governador e quero corresponder a essa confiança, a luta por uma aliança para a construção do socialismo como via de construção do socialismo no país.

O império mostra a cara

Umberto Martins

As fantasias elaboradas pelo pensamento burguês dando conta de que o mundo ingressara numa era de paz, talvez eterna, após o fim da chamada guerra fria, não resistiram muito tempo. A crise desencadeada no Golfo Pérsico após a ocupação do Kuwait pelo Iraque dia 2 de agosto, acompanhada pela virtual declaração de guerra àquele país pelos Estados Unidos, põe em evidência mais uma vez a face bélica e agressiva do imperialismo.

A invasão do Kuwait, um ato de expansionismo do governo chefiado por Saddam Hussein, que antes já havia provocado uma prolongada guerra com o Irã, mereceu a condenação quase unânime do Conselho de Segurança da ONU, que decretou o embargo comercial ao Iraque e também decidiu considerar nula a anexação anunciada por Hussein. Porém, os Estados Unidos, seguidos da Inglaterra, a pretexto de assegurar a execução da decisão, estão promovendo uma gigantesca operação de guerra no Golfo, transformando o Iraque de agressor em agredido, numa mal disfarçada tentativa de se apoderar das reservas de petróleo e não apenas defender como ampliar seus bilionários interesses no Oriente Médio.

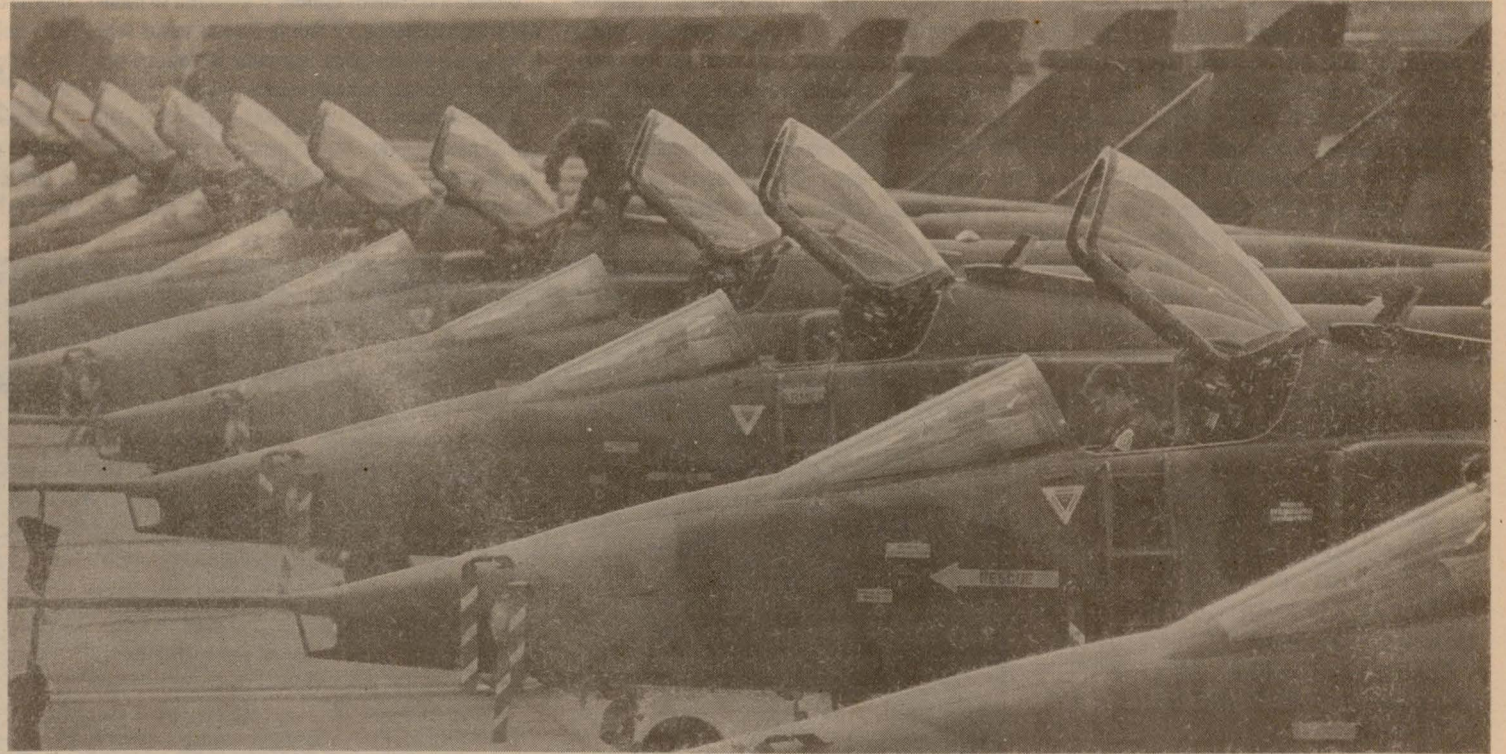
Bloqueio

O bloqueio contra o Iraque levado a efeito por forças militares norte-americanas e inglesas no Golfo nada tem em comum com a decisão do Conselho de Segurança da ONU e equivale, na prática, a uma declaração de guerra. O conflito bélico, aliás, conforme todos os desdobramentos da crise desde o dia 2 indicam, é o objetivo central do imperialismo ianque.

A estratégia do governo Bush foi facilitada pela nova posição da diplomacia soviética, paralisada em função da crise interna e crescente dependência de empréstimos do Ocidente, assim como pela impotência militar de alemães e japoneses. Desta forma, o império deixa claro que, malgrado sua inelutável decadência econômica, pretende empregar sua inegável supremacia militar para preservar a hegemonia sobre o planeta.

Chantageando o mundo árabe, e explorando a covardia da monarquia saudita, os EUA conseguiram o apoio de alguns países da região, como o Egito, e até o final desta semana já haviam enviado para a Arábia Saudita cerca de 30 mil soldados, efetivo que deve ser ampliado para 100 a 200 mil em poucos dias.

Apesar das frases cínicas de Bush, justificando a agressão como um ato



Aviões ingleses prontos para ser enviados ao golfo em defesa dos bilionários interesses britânicos

em defesa da democracia, da liberdade e do direito à autodeterminação das nações, os interesses reais que movimentam a ação bélica do império são de outra natureza. "Estamos intervindo em nome de interesses econômicos", observou o professor Alan Brinkley, especialista em questões árabes da Universidade da Cidade de Nova York.

O expansionismo iraquiano, e o nacionalismo árabe em que se insere, chocam-se objetivamente contra os interesses das potências imperialistas na região, especialmente dos Estados Unidos e Inglaterra. A defesa ardente das reacionárias monarquias kuwaitiana e saudita é a forma de garantir lucros fabulosos auferidos pelas multinacionais do petróleo, bem como os depósitos bilionários dos magnatas do Golfo em bancos do Ocidente.

Todo o petróleo do Kuwait é explorado por um consórcio anglo-americano, que também cuida da exploração do óleo saudita. Príncipes e empresas do Kuwait aplicaram mais de 100 bilhões de dólares nos países imperialistas, beneficiando especialmente a Inglaterra. "O Kuwait investiu uma enorme soma de dinheiro na Grã-Bretanha. A cada dia, um quarto do novo dinheiro que entra no mercado financeiro vem daquele país, um investimento ligado às grandes companhias seguradoras e ao petróleo", revelou o catedrático de História Internacional Donald Cameron Watt, de Londres. Os centros imperialistas usaram como pretexto a anexação do país para "congelar" os bens

kuwaitianos no exterior.

Com o poder econômico, político e militar exercido na região, as potências não apenas se apropriam de uma grande parcela da riqueza produzida na região, fazendo dos magnatas locais sócios menores do saque, mas também influenciam e determinam a flutuação dos preços do petróleo, orientando a produção e oferta e sabotando as cotas definidas pela OPEP. A maior parcela dos lucros das crises de 1973 e 1979 ficou com os monopólios imperialistas, o excedente deslocado para o Oriente Médio acabou reciclado pelo e para o sistema financeiro do Ocidente.

Objetivos reacionários

A conduta de Hussein não tem nada de elogiável e contraria um princípio democrático elementar, o direito à autodeterminação dos povos. Por outro lado, ela constitui um risco para o *status quo* formulado pelos imperialistas, o que estes consideram intolerável. Os Estados Unidos, que já invadiram Cuba, Nicarágua, Granada, Panamá e tantos outros, só por hipocrisia podem se arvorar em defensores da soberania das nações. Ao prepararem a guerra evidenciam que a velha lógica que preside os interesses reacionários do imperialismo não desapareceu e conduz a agressões descaradas e conflitos armados entre os povos, fato que nem mesmo o bombardeio de mentiras e demagogias através dos meios de comunicação monopolizados pela burguesia

consegue ocultar.

A guerra no Oriente Médio pode precipitar acontecimentos que não são propriamente os desejáveis pelo imperialismo, fazendo com que o tiro de Bush saia pela culatra. Os governos norte-americano e inglês têm obtido certo êxito diplomático no objetivo de isolar o Iraque, embora Alemanha e principalmente o Japão até o momento estejam adotando uma posição reticente diante do conflito e a França — por cujas palavras certamente flui o interesse alemão — já tenha declarado seu despreço à pressa dos EUA em fazer a guerra, sendo neste aspecto acompanhada de forma vacilante pela União Soviética.

O Iraque, porém, não é Granada nem Panamá. Hussein conta com um efetivo de 1 milhão de homens em suas forças armadas, por sinal muito bem equipadas com armas modernas vendidas entre outros pelos norte-americanos, que incentivaram o presidente iraquiano na guerra contra o Irã. Talvez mais importante que isto, contudo, é a posição das forças nacionalistas árabes e palestinas.

A situação da Jordânia no conflito é sintomática e, conforme observa o jornal "Financial Times", constitui "apenas o aspecto mais agudo de um problema político generalizado, que é a atitude do mundo árabe em relação ao presente conflito. O Iraque pode ter pouco apoio entre os governos nacionais, mas tem muito entre as "massas árabes", se excluirmos o Egito". "Na opinião destes árabes", conti-

nua a publicação, "as resoluções das Nações Unidas não são mais do que uma "cortina de fumaça" por trás da qual as habituais potências "imperialistas" utilizam a força militar para defender seu antiquado interesse nacional, ou seja, petróleo barato, fornecido pelos líderes cooperativos e corruptos de ministérios perdidos no deserto. Aos olhos árabes isso está "comprovado" pelo fato de que não se mobilizaram nem sanções desta amplitude nem quantidade de tropas nesta escala para lidar com os ataques israelenses aos países árabes".

Hussein tem demonstrado habilidade na exploração do sentimento antiimperialista. Apresentou um plano de paz que, em contrapartida à saída de suas tropas do Kuwait, prevê a retirada israelense dos territórios palestinos ocupados — e dia 15 apressou-se a acertar um acordo de paz com o Irã, acatando todas as propostas do governo daquele país.

As manifestações de massa antiimperialistas têm se alastrado por todo o mundo árabe. Os palestinos fizeram uma greve geral na faixa de Gaza, dia 15, exigindo a retirada das tropas norte-americanas da Arábia Saudita, dezenas de milhares foram às ruas na Tunísia, no Iemen e Jordânia, em apoio a Hussein, sendo que neste último País 40 mil voluntários se apresentaram para lutar ao lado do Iraque. Assim, antes de fortalecer os EUA a guerra pode apressar o fim do decadente e arrogante império americano. Já se recebem as forças nacionalistas do Oriente Médio.

"Os Estados Unidos querem a guerra"

Os Estados Unidos querem a guerra e o governo Collor toma posição ao lado dos belicistas. Esta é uma das conclusões da análise do Partido Comunista do Brasil sobre o conflito do Oriente Médio. A *Classe* reproduz a íntegra da nota elaborada pela direção nacional do Partido, que orienta as direções regionais, municipais e distritais no sentido da sua mais ampla divulgação.

São de muita gravidade os acontecimentos do Oriente Médio. De um momento para outro, estabeleceu-se um clima de guerra na região do Golfo Pérsico, que ameaça transformar-se num conflito bélico de grandes proporções. Estão envolvidos países árabes e potências imperialistas, destacadamente os Estados Unidos. Armas modernas de efeitos devastadores estão prontas a serem acionadas. Centenas de milhares de soldados equipados para o combate aprestam-se para a luta sangrenta. Um sério perigo ronda a vida dos povos, que poderão ser arrastados no turbilhão de uma guerra injusta, na qual os imperialistas norte-americanos são os principais interessados.

O Partido Comunista do Brasil, PCdoB, denuncia as maquinações guerreiras e chama o povo brasileiro à vigilância contra tentativas de envolvimento do nosso país nessa violenta disputa.

Incorreta a posição do Iraque

Ao nosso entender é incorreta a ação do Iraque, invadindo militarmente um país vizinho e declarando, em seguida, sua anexação ao território iraquiano. Sem dúvida, o Kuwait servia às potências imperialistas, em particular à Inglaterra e aos Estados Unidos. Prejudicava o mundo árabe e fazia o jogo das potências ocidentais na questão do petróleo. Essas atitudes podiam ser combatidas. Não, porém, por meios militares.

Os Estados Unidos querem a guerra

Mas a questão essencial no conflito criado é a atitude dos Estados Unidos, mobilizando tropas e a esquadra naval com o propósito de desencadear a guerra total contra o Iraque. Enviaram milhares de soldados à Arábia Saudita. Convocaram reservistas. Decretaram, por conta própria, o *bloqueio* marítimo e terrestre do Iraque. Assim procedendo, contrariaram a decisão do Conselho de Segurança da ONU que determinou o *embargo* e não o *bloqueio* com relação àquele país. O bloqueio, por si mesmo, é um ato de guerra. Os Estados Unidos têm pressa, querem o conflito arma-



O "Independence", líder da frota norte-americana no golfo: o imperialismo ianque tem pressa

do imediato. Seu objetivo é claro — ocupar e dominar as regiões árabes onde se encontram as maiores reservas de petróleo do mundo. Pretendem utilizá-las em proveito próprio e como instrumentos de pressão política e econômica contra os seus concorrentes no plano mundial. As declarações de Bush sobre a defesa da soberania do Kuwait e da Arábia Saudita são hipócritas, simples pretexto para

justificar a agressão e procurar envolver outros países na aventura que promove. Os Estados Unidos são uzeiros e vezeiros em atacar a independência e a soberania das nações. Invadiram Granada. Agrediram o Panamá. Recentemente, desembarcaram tropas na Libéria. É um país agressivo, inimigo da liberdade, do progresso, da independência de todas as nações.

Collor ao lado dos belicistas

O povo brasileiro precisa estar em guarda quanto aos acontecimentos do Golfo Pérsico. O governo Collor vem tomando atitudes de aliado dos Estados Unidos na política de pirataria e guerra contra os povos árabes. Procura justificar suas atitudes alegando decisões da ONU. Na prática o que faz é abandonar a linha tradicional

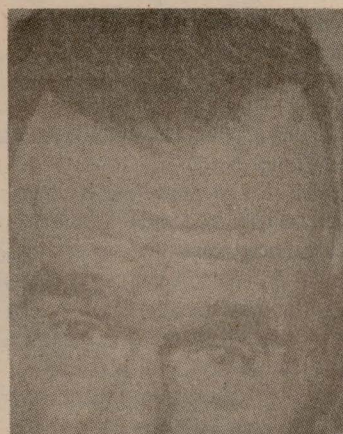
do Itamarati de não envolvimento em conflitos dessa natureza. São injustas e condenáveis as medidas adotadas contra os navios iraquianos em portos brasileiros e as declarações do ministro do Exterior favoráveis ao *bloqueio* do Iraque decretado pelos Estados Unidos. Os interesses do Brasil são contrários às pretensões imperialistas dos Estados Unidos no Oriente Médio.

Demagogia desmascarada

O clima de guerra existente no Oriente Médio vem demonstrando uma vez mais o quanto são falsas e demagógicas as afirmações de Gorbachev e Bush de que a época das guerras terminara, e se estaria construindo o mundo de paz. Isto justificaria, segundo eles, o abandono da violência, da luta de classes, da revolução libertadora. A guerra está aí novamente. É fruto do capitalismo que a ela recorre para esmagar os concorrentes, roubar as riquezas de outros países, escravizar os trabalhadores e os povos. Por isso também a luta de classes e os anseios de revolução estão presentes e mais vivos do que nunca na consciência dos que almejam a emancipação nacional e social. Em que pesem os Bush, os Gorbachev.



Collor, contrariando os interesses brasileiros, coloca-se como um serviço de Bush



CDM
Centro de Documentação e Memória
Comissão Executiva do
Partido Comunista do Brasil —
São Paulo —
15/08/90

As raízes do conflito no golfo

Legeune Mato Grosso*

Passados os primeiros momentos da invasão militar do Kuwait pelo Iraque, criando na conflitiva região do Oriente Médio uma situação de agravamento de tensões, é preciso que analisemos mais elementos e outros componentes do intrincado enigma que tem sido os conflitos que ocorrem na região.

Em que pesem todas as corretas condenações que se façam à postura expansionista e de anexação tomadas pelo governo iraquiano de Sadam Hussein, é preciso que conheçamos um pouco da história dos dois países envolvidos na guerra para entendermos melhor o problema (veja nesta edição matérias relativas à guerra).

Kuwait: uma monarquia feudal

O Kuwait é um dos 22 países árabes, integrante da Liga dos Estados Árabes, situado em importante ponto do Golfo Pérsico-Árabe. Há cerca de dois mil anos a região era centro de ativo comércio, ponto de grandes caravanas da Índia.

A partir do século XIII, com o colapso do califado acarretado pelas invasões mongóis, as tribos árabes foram se instalando definitivamente na região. Em 1516, tem início o império turco-otomano, que duraria por exatos 400 anos.

No século XVIII, período de grandes transformações na Europa e nos Estados Unidos com a ocorrência de revoluções burguesas, no Kuwait as tribos árabes se unificam, ainda sob o império otomano de ocupação, e elegem um xeque da tribo Anaiza para comandar o país unificado. Abdul Rahim Al-Sabah é o fundador e primeiro chefe da dinastia Al-Sabah, que desde 1756 governa o país sob uma monarquia feudal e absolutista.

Na atualidade, o país vive grandes contradições. Com uma das maiores rendas per capita do mundo (14,5 mil dólares), praticamente sem inflação, com um certo desenvolvimento industrial, petrolífero e petroquímico, o Kuwait mantém inalterável a sua nababesca realza, que conta hoje com *dois mil príncipes da família Al-Sabah*.

Em 25 de fevereiro de 1961, é proclamada a independência do país frente à Inglaterra imperialista, que havia já deixado o Egito e o canal de Suez. Crescia nesse momento o nacionalismo no mundo árabe, com a doutrina do Pan-arábismo, idealizada por Gamal Abdél Nasser, presidente do Egito no período de 1954 a 1970.

Em 1962 uma tímida Constituição é proclamada, sendo instaurada uma monarquia constitucional nos moldes europeus, tendo à frente Abdallah Al-Salém Al-Sabah, com certas po-



sições liberais, se comparadas aos outros membros da família real. Essa Constituição durou pouco. Foi dissolvida pelo xeque Jabir Al-Ahmed Al-Sabah, destituído pela invasão do Iraque. O atual parlamento do país em funcionamento é servil à família real e aos seus herdeiros, com mais de 40 deputados fiéis aos Al-Sabah de um total de 50. É preciso destacar que não há partidos políticos organizados.

O Iraque

O Iraque pode ser considerado um dos países "berços" da civilização ocidental, rico em suas histórias envolvendo a Babilônia, a Caldéia e Assíria. É uma nação árabe desde há pelo menos 6 mil anos. A cultura, a língua e as tradições tomam corpos a partir do século VII da nossa era, quando do crescimento da religião islâmica. Após o fim do domínio islâmico na região, com a morte do último califa de Bagdá em 1258, diversos conquistadores procuram se apossar do Iraque: Gengis Khan, os turcos, os mongóis, turcomanos, curdos e tártaros. No período que compreende 1516 a 1917, houve uma relativa calma na região, sob o império turco-otomano. Com o fim da 1ª Grande Guerra, é selado na clandestinidade o famoso acordo Sykes-Picot, tornado público pelo recém instaurado governo revolucionário na União Soviética,

sob o comando de Lenin. Esse acordo imperialista dividia as nações árabes entre a França e a Inglaterra. Essa partilha irritou os nacionalistas árabes, especialmente o rei Faiçal, que se havia proclamado soberano da Síria. O imperialismo preferiu manter um governo servil no Iraque até por volta de 1958, quando em 14 de julho é proclamada a independência total da Grã-Bretanha. Essa independência é proclamada a partir de um golpe militar dado pelo general Abdul Karim Kassim, que executou toda a família real de Faiçal II.

Houve uma breve tentativa de unificação em 59 do Iraque com a Síria, mas essa iniciativa encontrou forte resistência no Partido Comunista Iraquiano, um dos mais fortes na época no mundo árabe. Ainda na quele ano, Kassim proclamou que o Kuwait pertencia ao Iraque, fato que também acabou apressando os movimentos de proclamação da independência kuwaitiana. O Kuwait só não foi anexado nessa época pela autorização da Liga Árabe, dominada pelo Egito, dada à Inglaterra, para que entrasse no país para "proteger" as ricas reservas petrolíferas.

Instabilidade

Com a vinculação dos dirigentes do país com a URSS e a China, no período, chegou-se a pensar na ins-

tauração de uma "nova Cuba" no Oriente Médio, situação essa que não se confirmou. Esse conturbado período da vida política do país, com o assassinato do general Kassim em 63, uma certa ocidentalização da nação, cria situações instáveis na política interna que permitem a eclosão de um movimento militar, com apoio em camadas populares, que leva ao poder o Partido Socialista Árabe Baas.

Se em 58 a república havia sido proclamada, em 68 o movimento popular-militar procura implementar grandes e significativas mudanças no país. A reforma agrária é realizada, extinguindo-se o latifúndio. As companhias petrolíferas são nacionalizadas. A religião islâmica, ainda que amplamente difundida como ademais em todo o mundo árabe, é formalmente separada do Estado, que é laico. As rendas obtidas com as maciças vendas de petróleo para o mundo, principalmente após a crise de 1973, são revertidas para a rápida industrialização do país. A partir de 16 de julho de 1979, o presidente Hassan Al-Bakr renunciou, assumindo a presidência o seu vice, Sadam Hussein, desarticulando inclusive uma tentativa golpista e retrógrada.

É importante observar que em 1980 foi eleita uma Assembleia Nacional pelo voto popular, revestindo o país com uma certa capa de democracia. Há que se destacar que as mu-

lheres no Iraque ocupam papel destacado na sociedade, sendo um dos poucos países árabes e islâmicos onde elas não andam em público com o tradicional véu cobrindo seus rostos (shador).

Nesse contexto, o Iraque aparece no mundo árabe como um dos países líderes, aproveitando-se inclusive de um vazio político criado com a capitulação política da URSS frente ao imperialismo americano.

Disputa-se hoje com essa guerra de anexação a liderança do mundo árabe; disputa-se aquele que teria a carta palestina, que seria seu maior defensor; trava-se a luta antiimperialista com o império americano e seus aliados, os monarcas feudais da Árabia Saudita, Emirados, Omã, Catar e outros.

É preciso que tenhamos em conta, ao analisarmos a dimensão desse conflito, a questão de fundo, qual seja, a disputa de grandes mercados econômicos que possam fazer frente aos já estabelecidos e em processo de estabelecimento (Europa, EUA e Canadá, Ásia, etc). O projeto da burguesia nacional árabe, expresso ideologicamente em seu Partido Socialista Árabe Baas, com Hussein à frente, encontra hoje entraves reais e concretos ao desenvolvimento do capitalismo, com a existência das monarquias feudais e reacionárias da região, todas elas servis aos EUA e ao sionismo de Israel.

É exatamente na formulação do Pan-arábismo de Nasser e Hussein onde a questão nacional aparece como central, que se parte do princípio que "o mundo árabe é uma unidade política indivisível, na qual nenhum país pode reunir por si só as condições necessárias para a vida, independentemente dos demais". Essa ideologia é defendida pelo Partido Baas e Hussein. Isso significa na prática a defesa da existência de um só país árabe. Na atualidade essas idéias encontram respaldo entre o rei Hussein da Jordânia, Hafez El Assad, da Síria e no movimento palestino.

É preciso que não tenhamos a ilusão de classe quanto ao regime iraquiano de Sadam Hussein e quais interesses de classe ele representa do ponto de vista histórico. Mas é preciso também, que como revolucionários que somos, saibamos entender as profundas contradições do mundo árabe e deste com o imperialismo americano, compreender as lutas justas e corretas desse sofrido povo e apoiar-las na sua essência, no que tende a construção de democracias avançadas, nacional e populares.

*sociólogo, colaborador da Classe

Falta uma carta no castelo

Antonio Martins

Ao enfrentar seu primeiro teste, o capitalismo pós-guerra fria tropeça, assiste perplexo ao aprofundamento de suas contradições, e transmite uma sensação de vulnerabilidade forte demais para um sistema que se pretendia apresentar como universal e definitivo.

A revista "Veja" brinca seus leitores, na edição desta semana, com um editorial que parece inspirado diretamente nos contos de fada mais imaginosos. O assunto é as repercussões econômicas da crise no Oriente Médio. O artigo faz, logo no início, um elogio comovente das mudanças profundas operadas na conjuntura internacional nos últimos anos. Para "Veja" o avanço de Gorbachev na URSS, a "derrocada do comunismo" no Leste Europeu e a queda do muro de Berlim são acontecimento "formidáveis", que estavam proporcionando o advento de uma nova era, marcada pela "cooperação entre as grandes potências" e pela melhora "da vida de todos os homens". Como num sonho, prossegue o editorial, o planeta "caminha inexoravelmente rumo à paz e ao progresso".

De repente a construção idílica deste autêntico paraíso terrestre foi posta em risco pela "aventura expansionista de Saddam Hussein". Em poucos dias, tudo se transformou. Escassez e alta de petróleo, risco à paz mundial. "Os velhos problemas estão de volta", lamenta a revista com desolação, e em seguida adverte: "não há país que esteja a salvo deles. Resta porém, uma esperança. Se o povo se resignar, e enfrentar "com firmeza a crise" talvez as consequências não sejam tão graves quanto as que sobrevieram no último choque de petróleo, cujos efeitos sofremos até hoje".

Como costumava ocorrer com as histórias de fada, a explicação de "Veja" para as novas dificuldades do Brasil e do mundo é simples e boa. Tão simples e tão boa que para ser melhor faltava apenas que fosse verdade. Qualquer análise séria revelará que num texto de menos de duas laudas a revista procura levar seus leitores a cometer dois erros grosseiros na interpretação da crise. O primeiro é acreditar que os preços do petróleo são a causa fundamental dos desequilíbrios que abalam a economia do mundo há duas semanas. O segundo é fechar os olhos para a dimensão real da crise, e crer que seus efeitos podem ser afastados com uma dose suplementar de "firmeza e realismo".

As bolsas despencam em todo o mundo; a de Tóquio cai 15,11% em onze dias

Para mostrar que a alta do combustível não é capaz de explicar por si só os súbitos abalos dos últimos dias basta analisar, por exemplo, certos números relativos à economia dos Estados Unidos, reconhecido por todos como um dos países mais atingidos pela elevação dos preços. Os EUA consomem diariamente 6 milhões de barris de petróleo importado. Nas últimas cinco



Bolsas em queda. Hussein também é o culpado?

semanas as cotações evoluíram de 16 para 26 dólares o barril — uma alta, portanto, de 10 dólares. Os EUA dispõem, portanto, 60 milhões de dólares a mais por dia, US\$ 21,9 bilhões ao ano. Uma cifra expressiva para os padrões de uma economia como a brasileira. Mas que equivale a pouco mais de 0,5% da produção global de bens e serviços norte-americanos, que já em 85 havia ultrapassado os 3,9 trilhões de dólares.

Insignificante do ponto de vista estatístico, a alta do petróleo agiu porém como um furacão sobre os mercados financeiros e monetários do mundo todo. Mesmo na poderosa e ascendente Bolsa de Valores de Tóquio as ações perderam em apenas onze dias 15,11% de suas cotações, e voltaram até patamares que já haviam ultrapassado há dois anos. Perdas semelhantes se repetiram em Nova York, Londres e Frankfurt, e fenômenos ainda mais graves foram registrados em países como a Coreia do Sul. Pode-se formular portanto a hipótese de que os novos preços do combustível agiram não como causa mas como detonador de uma crise que se apóia em desajustes anteriores.

E é possível que para identificar a maior parte destes desajustes seja necessário examinar novamente a economia norte-americana, que apesar de todos os seus tropeços continua sendo a mais poderosa do planeta, e que é por certo, nos marcos da ordem mundial construída após a II Guerra, aquela cujos problemas mais rápida e profundamente se espalham pelo Globo.

Há alguns meses surgiram sinais cada vez mais claros de que a economia dos EUA estava ameaçada a um só tempo de enfrentar tanto uma alta de preços em ritmo muito mais rápido que o habitual, quanto uma recessão, com queda sensível da atividade produtiva. Desde então, a administração Bush e o Federal Reserve, o Banco Central dos Estados Unidos, têm procurado afastar ambas as hipóteses adotando uma política que se baseia em dois sustentáculos básicos.

Por um lado é preciso sustentar uma taxa de juros milimetricamente calculada, para evitar de imediato tanto um incentivo à circulação mais rápida da moeda, que resultaria em alta acelerada dos preços, quanto um desestímulo ao consumo, que poderia desencadear a recessão. Ao mesmo tempo, porém, é necessário pensar no futuro, e agir com urgência para reduzir tão cedo quanto possível o déficit orçamentário, um dos terríveis nós que, se não desatados a tempo, ameaça causar o colapso econômico dos EUA. Nos últimos 6 anos o déficit esteve quase sempre num patamar superior aos 150 bilhões de dólares anuais, e a meta do presidente George Bush era rebaixá-lo para menos de 100 bilhões de dólares até 1991.

Tudo indica que a alta dos preços do petróleo tornará impossível o malabarismo que Bush vinha tentando executar para atingir a um só tempo tantos objetivos. Os primeiros problemas começaram a surgir no dia 8, com a taxa de juros.

O Tesouro americano precisava vender um lote de 10 bilhões de dólares em títulos com prazo de resgate de dez anos. Os leilões para compra destes títulos costumam contar com um grande número de interessados pois a colocação dos papéis é peça essencial à política de combate à inflação do país, e por isso são oferecidas vantagens apreciáveis aos compradores. Boa parte destes, aliás, é constituída de investidores japoneses, que cada vez mais se tornam credores dos EUA.

Subitamente, desaparecem compradores para títulos do Tesouro americano

Ao contrário de todas as previsões, contudo, no dia 8 não houve interessados suficientes para permitir a venda de todo o lote de títulos oferecido pelo Tesouro. Es-

peculou-se que a causa era o afastamento dos nipônicos, preocupados com a possibilidade de serem obrigados a empregar mais dólares em suas compras de petróleo. O fato é que a taxa de juros subiu consideravelmente, fixou-se em 8,77% e tornou ainda mais presente a ameaça de recessão. Nos dias seguintes houve um certo alívio, com o retorno dos antigos compradores de títulos, mas ficou no ar a ameaça de uma fuga mais prolongada, o que obrigaria o Estado a oferecer taxas mais altas, e tornaria quase inevitável a queda na produção.

Alguns dias mais tarde, quando Bush voltou de suas mal explicadas "férias" na residência presidencial de descanso no Maine e embrenhou-se em uma série de negociações com o Congresso a respeito do orçamento do Tesouro para 91, começaram a surgir indícios de que também a tentativa de reduzir significativamente o déficit a partir do próximo ano estava seriamente comprometida.

Em primeiro lugar, a Casa Branca envolvia-se cada vez mais profundamente em sua nova aventura militar, agora na Arábia Saudita. Dias antes, quando haviam partido para o Oriente Médio os primeiros soldados e navios americanos, os especialistas tinham calculado em 400 milhões de dólares ao mês os gastos suplementares do Tesouro para sustentar a operação. Agora que o cerco ao Iraque parecia prestes a transformar-se na maior movimentação militar desde a II Guerra, os dispêndios haviam se tornado incalculáveis.

As próprias vicissitudes da política interna americana, além disso, tornavam mais difícil o controle do déficit. Uma das esperanças de elevar as receitas do Estado e aproximá-las um pouco das despesas repousara, antes da alta do petróleo, na previsão de cobrança de taxas suplementares sobre os combustíveis vendidos ao consumidor norte-americano. Porém, antes de Bush passar à ação as companhias petrolíferas dos EUA se anteciparam e elevaram os preços da gasolina, para descarregar sobre os cidadãos os efeitos da crise no

Golfo Pérsico. Então Bush e seu Partido Republicano, acostumados a agitar junto ao eleitorado a bandeira demagógica da redução dos impostos, deram sinais de que adiarão mais uma vez a taxação dos combustíveis. A hipótese de um déficit abaixo de US\$ 100 bi em 91 tornou-se um sonho irrealizável.

As consequências devem se abater sobre o Terceiro Mundo e o Leste europeu

Portanto, crescem pressões sobre as taxas de juros, e as esperanças quanto a um reequilíbrio em futuro próximo se esboçam no ar. Ainda antes de eclodir a crise do Oriente Médio o presidente do Federal Reserve, Alan Greenspan, havia anunciado que a economia americana crescera a uma taxa anual de apenas 1,2% no segundo trimestre de 90, e em sua edição datada de 4/8 a revista inglesa "The Economist" ousou especular sobre os desdobramentos que poderiam advir se ficasse claro que os EUA iriam de fato mergulhar na recessão. A própria revista se encarregou de dar a resposta: o evento "tornaria a tarefa de cortar o déficit do Orçamento muito mais dura"; além disso, "o estado precário das empresas, sobrecarregadas de dívidas, poderia levar da recessão ao crash (da Bolsa)". "The Economist" conclui com uma opinião sumária sobre a recessão: "Evitem-na, a qualquer custo".

Sobram razões, por tudo que se viu até aqui, para ter dúvidas quanto aos poderes reais que a administração dos EUA tem para realizar o pedido da revista... Uma coisa contudo é certa. Como sempre, as consequências dos desequilíbrios explodirão nas mãos dos países dependentes. Primeiro, porque uma vez consolidado o aumento dos juros representará uma carga a mais no já insuportável fardo representado pelo pagamento da dívida externa. Segundo, porque as nações imperialistas reagiram a todas as altas anteriores no preço do petróleo desencadeando fortíssimas pressões sobre as cotações dos demais produtos primários, que compõem boa parte da pauta de exportações do Terceiro Mundo.

Emblematicamente, outra grande vítima será o Leste Europeu, seduzido nos dois últimos anos pelas promessas de integração às "vantagens" do capitalismo. Também neste caso vão se conjugar os onus da alta do preço do petróleo — agora fornecido pela URSS através do sistema "moderno" de preços de mercado — com juros ainda mais extorsivos da dívida externa.

A crise apenas começou, e é muito cedo até mesmo para dizer com segurança que as tendências que se esboçam irão se concretizar. Mas na mente de quem acompanhou com cuidado os fatos destas duas primeiras semanas de desequilíbrio ficaram gravadas as impressões inevitáveis de que a "nova" economia capitalista que emergiu no fim da guerra não nasce com as debilidades típicas da idade senil, e de que uma peça pode ter sido retirada de seu castelo de cartas.

Qualquer coisa pra lá de Bagdá

Com os recentes acontecimentos do Oriente Médio, mais uma vez a propaganda imperialista tenta desacreditar os povos árabes, tachando-os de bárbaros, rudes, fanáticos, ignorantes, incapazes de autogovernar-se e de administrar suas riquezas colossais, nômades do deserto, ladrões etc. O objetivo é justificar as flagrantes e abertas intervenções militares na região, rica em petróleo. Publicamos, a seguir, extratos das notas "O glorioso passado dos povos não pode ser ignorado", escritas por Enver Hoxha — o fundador do Partido do Trabalho da Albânia e dirigente da revolução albanesa — e publicadas no livro "Reflexões sobre o Oriente Médio".

As antigas tradições culturais dos povos árabes, que deram à humanidade cientistas famosos em diferentes campos do saber, pioneiros da medicina, da astronomia, das matemáticas, grandes filósofos e poetas, não podem ser negadas e nem deixadas no esquecimento. A pobreza, a incultura, o atraso destes povos só estão relacionados com a política de rapina e de conquista que aplicaram e aplicam sobre esta região os colonialistas de toda cor da metrópole europeia, os neocolonialistas atuais, os imperialistas americanos, os social-imperialistas soviéticos e outros.

A civilização árabe no século XIII

No século XIII de nossa era, ou no VI da hégira, calendário mulçumano, a civilização árabe, apoiada e estimulada pelos califas omeyas e abasidas, havia adquirido grande desenvolvimento, havia chegado ao apogeu. A grande cultura árabe, mais avançada que a cultura ocidental da época, dominou e se converteu no candil que iluminava a noite escura medieval, dos destroços causados pelo Império Romano, as invasões bárbaras, os condes e marqueses que não sabiam valer-se da pluma, e sim da espada, a época em que a instrução era patrimônio do clero que, enclausurado em conventos e mosteiros erguidos em lugares isolados, em bosques ou vales solitários, onde se dedicava inclusive a lavar a terra, pensava mais no "mundo do além" que na vida sobre a terra. No entanto vale assinalar que, no caos pelo qual passava a civilização ocidental, o sacerdócio medieval com seu misticismo peculiar tentou de algum modo resguardar aquela cultura que se encaminhava à decadência. Nos mosteiros, os freis São Francisco de Assis e São Tomás de Aquino e seus seguidores transcreviam os velhos manuscritos em pergaminhos e interpretavam os livros sagrados: a Bíblia, o Evangelho etc. Porém durante esse período a cultura árabe, estimulada

sobretudo pelas dinastias dos Almo-hades e pelos Abencerrajes (soberanos bérberes que reinaram na metade da Espanha e em Maghreb de 1147-1269) em Marrocos e Andaluzia, atravessou um "século de ouro".

Quando se estuda estes períodos da história antiga, descobre-se que pelo famoso Foro Romano se caminhava entre estábulos de vacas, tomando o nome de "Forum (campo) Vaccino", enquanto em Bagdá e às margens dos rios Tigre e Eufrates, os palácios eram revestidos de mármore, as cidades árabes tinham ladrilhos, aquedutos, ruas pavimentadas e iluminadas, banhos públicos, bibliotecas universitárias com centenas de milhares de volumes e se desenvolviam nelas concursos de poesia. Os refinados emires árabes de Bagdá e Córdoba, dois centros da cultura árabe, um no Oriente e outro no Ocidente, construíam, protegiam o saber e as ciências, ajudavam a levantar escolas, livrarias, associações científicas, num momento em que a maioria dos condes e marqueses de Carlos Magno não sabiam escrever sequer o próprio nome. (...)

O progresso dos árabes era especialmente grande nas matemáticas, astronomia e medicina, com o que marcaram uma nova etapa na história das ciências.

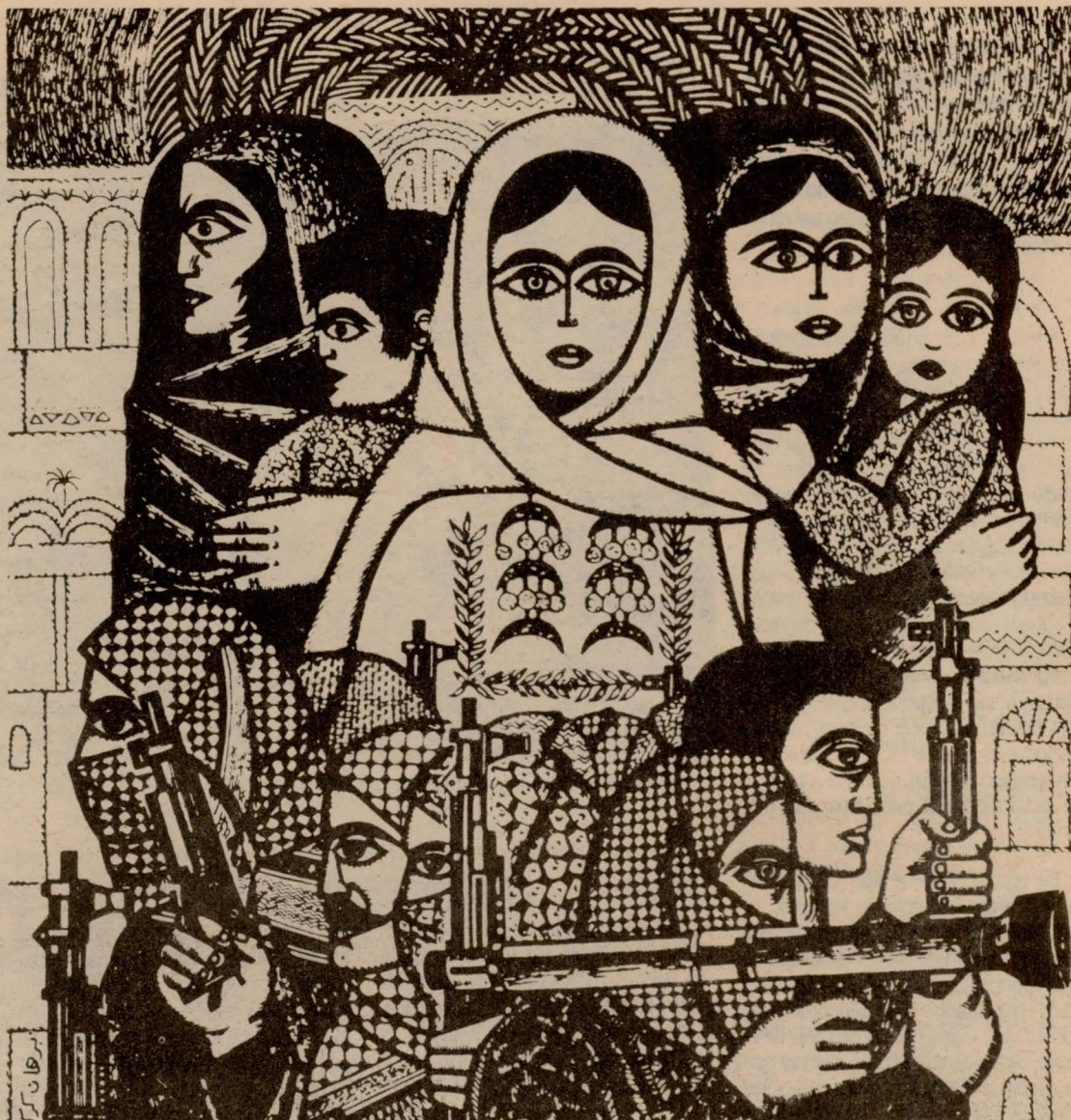
"...os rudimentos das Ciências Naturais — escreveu Engels — não foram desenvolvidos até chegar aos gregos do período alexandrino, e depois, na Idade Média, ainda mais pelos árabes".

Portadores da cultura

A ciência e a lógica gregas, sua sabedoria, foram adotadas através dos grandes esforços que sustentavam as traduções. E, de fato, são os árabes os que levaram para a Europa a grande cultura da antiga Grécia. Os diversos califas e sobretudo os da dinastia abasida estimularam a adoção da cultura grega como ajuda e reforço do dogma islâmico e para se contrapor a outros dogmas que tinham sua fonte nas demais crenças, sobretudo persas.

Deste modo, a cultura árabe islâmica se enriqueceu, porém nem por isso deixou de estar ligada à sua tradição, já que se apoiava no islamismo e afirmava a unidade árabe-islâmica, a universalidade da lei corânica e a ampla utilização da língua árabe. (...)

No entanto, os árabes foram de certo modo marginalizando-se pouco a pouco, especialmente dos cargos privilegiados do império. Conservaram contudo o prestígio histórico e o lugar de honra. Aos povos foram arrebatados os direitos que lhes concedia a religião, enquanto o "Chamamento" ao triunfo do Islã se mantinha em pé. Só que isto, paulatinamente, ad-



quiriu a forma de uma esperança milenar e muito menos escatológica. Mas este chamamento era recordado sempre e servia para criar impérios sobre a base das ambições das diferentes dinastias. Nisto estava a força e ao mesmo tempo a debilidade, a rivalidade, que muitas vezes prejudicou a unidade social e religiosa a que se propunha o dogma universal islâmico. (...)

Entre a cruz e a espada

Posteriormente, depois das conquistas, criaram-se centros urbanos desenvolvidos.

As cidades criadas desde Pérsia, Síria, Egito e Maghreb até Espanha, não se desenvolveram somente como centros de comércio e artesanato, mas serviam também como acampamentos e bases de apoio militares para as conquistas. (...) Nestas cidades, os califas e seus vicários junto com os demais membros da hierarquia administrativa construíam maravilhosas residências, desenvolvendo-se a vida cultural, filosófica, floresceram a poesia e a música características do povo árabe, com a nostalgia dos espaços abertos dos imensos desertos, com fortes acentos da poesia mística, da arte e da música locais que se adaptavam à sua religião e ao arabismo.

(...) As cruzadas, as expedições religiosas armadas da Europa cristã contra os turcos selyúquidas com o suposto fim de libertar o Santo Sepulcro, Jerusalém, dos infiéis, sobretudo a quarta cruzada que partiu de Veneza e finalizou com a conquista de Constantinopla, tiveram sua influência negativa na cultura e na filosofia árabes. Porém, ao mesmo tempo, a cultura e a filosofia árabes influenciaram no pensamento e nos sentimentos dos filósofos e sábios europeus daquele período. Assim, pois, a civilização europeia cresceu, por assim dizer, após a decadência árabe.

A civilização árabe teve sua época de esplendor e sua decadência. Esta decadência não é somente consequência das invasões e devastações das hordas mongólicas, nem das cruzadas dos pontífices fanáticos de Roma e dos grandes feudais europeus, inimigos do desenvolvimento da filosofia e das ciências. Com o decorrer do tempo o próprio islamismo não se cultivou mais e acabou freando o desenvolvimento das verdadeiras ciências. Por que? Porque o Corão e suas normas foram considerados e propagados como o auge de todos os êxitos e do desenvolvimento da humanidade. Inculcou em seus crentes o culto à fatalidade, o complexo

de inferioridade ante os grandes fenômenos das leis da natureza, que apresentou como castigo da ira de Alá contra os pecados. Ante estes fenômenos, o homem não tinha e nem podia ter força alguma para evitá-los ou preveni-los. Pelo contrário, só poderia submeter-se a eles, o que na realidade significa que os homens se submetiam sem nenhuma oposição ao Corão, que encarnava a palavra, a vontade e o desejo de Alá. Esta absolutização do papel da religião islâmica e do poder de Alá, acompanhada de leis draconianas contra todo adversário, constituiu um grande obstáculo ao progresso ulterior da sociedade árabe, ou melhor dizendo, foi a causa das ciências árabes não terem podido, na medida necessária e no momento oportuno, continuar desenvolvendo em seus territórios os aspectos objetivos do progresso da sociedade. De modo que, não obstante serem os filósofos árabes os primeiros em aceitar os filósofos gregos e em converterem-se em veículos deles para a civilização europeia, chegou um momento em que a Europa medieval lhes contrapôs Platão e Aristóteles, que se converteram em lápidas sepulcrais para o posterior desenvolvimento da cultura e da ciência árabes. (Seleção e tradução de Carlos Pompe)

Progressistas ganham sindicato

Tomou posse no último dia 10 de agosto a nova diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro, numa festa onde predominou a alegria e o espírito de luta. Além disso, muitas entidades manifestaram apoio aos novos dirigentes do sindicato dos metalúrgicos. Estiveram presentes representantes de diversos partidos políticos.

O vice-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, Hegberto Navarro, o Guiba, foi à posse representando a Central Única dos Trabalhadores. Ao lado dele marcaram presença representantes de outros sindicatos como o sindicato dos médicos e dos bancários. Entre os políticos compareceram os deputados Edmilson Valentim, do PCdoB do Rio, Ernani Coelho do PT, os vereadores Edson Santos, também do PCdoB, e Fernando Willian do PDT, além do candidato a deputado estadual do PCdoB fluminense, Gilberto Lobato.

Outro que também prestigiou a posse da nova diretoria do sindicato foi o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, o Vicentinho; Renato Artur (CSC-RJ) e Jaime representaram a CUT regional.

Nos discursos, políticos e representantes dos trabalhadores conclamaram à unidade e luta contra o Plano Collor. O deputado Edmilson Valentim pediu um *não* dos companheiros metalúrgicos ao desemprego, ao arrocho salarial e a união do povo em defesa da soberania nacional. Após os discursos, os metalúrgicos gritaram palavras de ordem como "sou metalúrgico, eu sou. O bicho vai pegar e ninguém vai me segurar", "Central Única dos Trabalhadores" e "o povo unido jamais será vencido".

A chave da vitória

Durante a cerimônia de posse, chamou a atenção dos presentes o conteúdo positivo do boletim **Garra Metalúrgica** distribuído pelos metalúrgicos classistas da CUT: "nós metalúrgicos classistas da CUT saudamos a nova diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro, marco de unidade e democracia no sindicalismo de luta do país e exemplo para nossa combativa categoria.

No momento em que trabalhadores de diversas categorias levantam-se contra o maior arrocho salarial e a política de recessão, onde rifa-se as estatais de forma vergonhosa e submete-se o Brasil ao capital estrangeiro, torna-se necessária a unidade da classe operária, dos partidos políticos e personalidades progressistas, para construir a resistência popular contra o autoritarismo do governo Collor. Em 3 de outubro, nós, trabalhadores e povo, daremos um *não* a este governo, elegendo parlamentares democratas e populares de esquerda.

Por esta razão, hoje, mais do que nunca, a unidade é a chave da vitória e também uma forma de elevar o nível da consciência e da organização operária e centrar fogo no capitalismo moribundo rumo ao socialismo".

Uma festa classista

O presidente eleito, Carlos Manoel, falou sobre a importância da vitória da sua chapa: "é

Carlos Manoel



O presidente Carlos Manoel conseguiu aliança política para vencer a eleição e está pronto para combater a recessão do Plano Collor

a coroação do esforço de todas as forças progressistas. As pessoas que estão sempre dedicando suas vidas à luta dos trabalhadores. Por isso é que, nessa hora de festa, apesar de ser um momento de crise para os brasileiros, nós colocamos um marco inicial da luta que este

sindicato vai travar contra o governo e sua política contrária aos interesses dos trabalhadores".

Para encerrar a cerimônia, Fátima Duda, aluna do Colégio do Sindicato dos Metalúrgicos e diretora do departamento feminino, distribuiu flores às companheiras e convidou todos

os presentes a comemorar a posse. A festa foi animada ao som de lambada e pagode. Os outros integrantes da nova gestão, que vai até o ano de 93, são: Edvaldo, Renato Artur, Luis Chaves, Cláudio Rodrigues, José Maurício e Júlio, todos pertencentes à CSC da CUT.

Carlos Manoel, novo presidente do sindicato

Em depoimento à Classe, três diretores da nova gestão, apontam o rumo que o sindicato tomará: a democracia sindical, a organização e politização da categoria.

Classe — Fátima Duda, o sindicato agora tem duas mulheres na direção e você é uma delas. Qual a mensagem que você pretende passar às companheiras na gestão 90/93?

Fátima — A mulher agora começa a ocupar e entender seu papel no sindicato, nas fábricas enfim, em todas as frentes de luta. Nós acordamos e queremos avançar. O que eu gostaria de passar, não só às mulheres, mas também aos nossos companheiros, é que a luta sindical classista precisa ser conhecida por todos, pois só assim, através de informações e de comissões organizadas da CSC, é que demonstraremos que a luta não é só da boca para fora, mas sim concreta. Nós precisamos conquistar nossos espaços, lutar por eles, pois aí está a luta de classes.

Classe — Você está há muito pouco tempo no movimento sindical, qual a sua perspectiva para o movimento operário?

Fátima — No movimento sindical sim, mas a experiência da luta veio amadurecendo em todos os anos, durante cinco anos de trabalho na Eletromar. Comecei a despertar estudando aqui no colégio do sindicato, sendo representante de turma, e daí não parei mais. A luta

nos dá energia. Essa energia todos nós temos e eu me propus a doar esta energia à luta da classe operária.

Várias empresas estão em greve. A repressão contra nós é muito grande. O que eu quero passar para todos é que o amanhã será duro, e que a gente tem que batalhar e não há espaço para recuar. A gente vai levar aos companheiros conhecimento e força para lutar pela unidade e a liberdade da classe operária.

Classe — Carlos Manoel, qual a origem da atual direção e quais os rumos do sindicato nos próximos anos?

Carlos — Essa diretoria tem como base a luta, mas a sua característica principal é ser classista. Nessa luta buscamos a unificação da categoria para enfrentar este governo que não representa o sentimento do povo, que joga para a divisão da classe operária e que tenta sucatear o Brasil em favor dos banqueiros internacionais.

Classe — Foi uma grande vitória dos metalúrgicos do Rio de Janeiro. Sendo este sindicato o segundo maior da América Latina e o maior de oposição no Brasil, como vai ser a sua atuação frente à política do Plano Collor?

Carlos — Nós temos um grande compromisso ao lado do povo contra este governo. Durante a campanha nós demonstramos isto parando várias fábricas. A política do governo Collor é entreguista e vai contra os interesses da classe trabalhadora. Entendemos que este sindicato

deve estar na vanguarda, unindo todos os outros sindicatos para dizer um *não* à política do Sr. Magri, que na verdade são representantes do capital internacional.

Classe — Luis, você como metalúrgico da Ser-metal e agora diretor do departamento de formação como vê a importância desta pasta?

Luis Chaves — O departamento de formação surge com o novo estatuto democrático do sindicato. A diretoria recém eleita para o triênio 90/93, tem uma preocupação muito grande com a formação dos ativistas, dos cipeiros e membros das comissões de fábricas. O que não ocorreu em outras gestões. A importância da formação está justamente em ajudar a diretoria a consolidar, do ponto de vista da consciência política, um número cada vez maior de ativistas, objetivando reforçar a presença do sindicato no interior das empresas, através dos ativistas mais conscientes da luta contra o governo Collor e o regime capitalista. O departamento de formação abrange também a recreação, a cultura e o Colégio Metalúrgico Elpidio E. dos Santos, que reúne mais de 400 alunos que trabalham em 175 empresas metalúrgicas.

Proporei à diretoria a realização de cursos livres específicos para cipeiros e comissões de fábricas, com o objetivo de desenvolver um curso de automação e de desenvolvimento de processos de automação nas indústrias da nossa base.

Questão de Ordem



Governo pobre de espírito

Quem diria! O governo Collor curvou-se à força dos fatos e admitiu que o salário mínimo é insuficiente para um trabalhador viver. Quero dizer, admitiu pela metade. Baixou aí um abono para os assalariados que conseguem empurrar a vida ganhando até Cr\$ 23.017,30 por mês (para pagar aluguel, condução, sustentar e vestir a família...). Um abono generoso, no modo de pensar do governo: Cr\$ 3 mil. Graças a Deus! Pois, como diz o ministro da Justiça (Justiça dos homens ou Justiça divina?), como diz o ministro Bernardo Cabral, "o pouco com Deus é muito e sem Deus é nada".

Quem olha os preços no comércio há de pensar que este é um povo abandonado por Deus... Verdade seja dita: Cr\$ 3 mil não é nada. Ou, como disse o Lula, "não passa de esmola".

Alguns ficaram satisfeitos. Como o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, Luiz Medeiros. Sempre fiel ao compromisso de ser um agente dos patrões entre os proletários, essa triste figura ficou eufórica: "O abono pode ser pequeno, mas abre o caminho para que todas as categorias profissionais lutem por maiores reposições".

Verdade doída

Tem gente que, realmente, se presta a tudo na vida.

A ministra Zélia Cardoso de Mello — agora de "namorado espiritual", segundo as fofocas das colunas sociais —, que em junho dizia que "os salários sempre perdem para a inflação. Isto é tão claro como o Sol ao nascer do dia", agora diz que o abono de Cr\$ 3 mil — que só será dado em agosto, e não será repassado aos salários, sob o risco de o governo perder o controle da inflação, — pois bem, agora a ministra diz que o abono "é uma forma de distribuição de renda".

A gente sente engulhos ao ouvir isso. Mas tem que dar a mão à palmatória. De fato, quando deparamos com o lucro do Bradesco no primeiro semestre deste ano, de Cr\$ 5 bilhões e 706 milhões (dados oficiais do banco), ou do Banco do Brasil, de Cr\$ 15 bilhões e 32 milhões (detalhe: a maior parte do lucro foi obtida após a posse de Collor, em março), a gente é obrigado a concordar com a ministra.

E como desgraça pouca é bobagem, o abono-esmola não é destinado a todos os assalariados — embora todos estejam com os salários criminosamente arroxados. Não, o abono será pago no início de setembro e terá o valor de Cr\$ 3 mil apenas para quem ganha até Cr\$ 23.017,30. Quem ganha mais do que isso, terá um abono parcial — um exemplo: quem ganha Cr\$ 25.900,00, terá um abono de Cr\$ 117,30. Quem recebe mais de 5 mínimos, os aposentados e pensionistas não receberão nada. Isso é para evitar que a inflação estoure, segundo os comparsas de Collor.

A riqueza na mão de uns poucos magnatas, nacionais e estrangeiros, e a miséria espalhando-se pelos barracos onde vicejam os assalariados, pelo campo, onde são assassinados impunemente os trabalhadores rurais; pela legião de brasileiros relegados à própria sorte. É a distribuição de renda no Brasil.

Um ministro diz que o abono é muito para "quem está com Deus". A ministra tem um "namorado espiritual". E nós, trabalhadores de carne e osso, que sustentamos com o fruto do nosso trabalho esse amontoado de parasitas, vamos pagando a conta. Mas não ficamos de cabeça baixa. Vamos desenvolvendo a luta de classe contra os exploradores. Vamos travando o bom combate, como demonstram as greves e enfrentamentos que pipocam pelo país afora. Precisamos é elevar essa luta a um novo patamar, para barrar o arrocho e abrir o caminho para uma sociedade nova, socialista. É o compromisso dos sindicalistas classistas.

* Wagner Gomes é presidente do Sindicato dos Metroviários de São Paulo e tesoureiro da Corrente Sindical Classista

Balanco de uma greve acertada

Com o fim da greve na Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), os trabalhadores voltam de cabeça erguida ao trabalho. Mesmo não tendo conquistado uma vitória global, conseguiram avanços na luta por seus direitos.

Nesse episódio, sai desmoralizado mais uma vez o governo Collor por seu caráter entreguista e a Justiça do Trabalho, que julgou a greve abusiva, mostrando que de justiça mesmo tem muito pouco.

Foram 31 dias de greve. Ao longo do impasse, grandes mobilizações. Passeatas com 15 mil metalúrgicos com uma chave de 15 metros com o símbolo da CSN e a inscrição "Democracia". A população apoiou o movimento e a cidade parou para ver passar o protesto metalúrgico, ampliando-o para uma advertência maior ao governo Collor. Os trabalhadores promoveram uma limpeza da usina com vassouras como demonstração de que o peão protege nossa empresa estatal. Além disso, os grevistas promoveram várias idas à cidade do Rio de Janeiro para panfletagens e arrecadação de finanças.

Pela primeira vez foi deflagrada uma greve sem piquete em Volta Redonda. Apenas alguns arrastões pente-fino foram feitos para tirar chefetes que insistiam em permanecer na usina.

Para o recém-eleito presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro, Carlos Manoel (veja pg. 19), a ação dos grevistas "é de resistência ao sucateamento da indústria brasileira, principalmente da indústria de base e que tem o poder de desenvolver a área metalúrgica. Os trabalhadores da CSN partiram para a linha de frente e não só pela questão econômica, mas para dizer a todo o país



Os trabalhadores continuam mobilizados. O fim da greve não é o fim da luta pela CSN.

que os operários não vão aceitar a política de sucateamento e internacionalização da nossa economia". Também o deputado federal comunista Edmilson Valentim prestou apoio à causa dos metalúrgicos e por que não dizer, da cidade de Volta Redonda. Ele participou da assembleia que decidiu pela greve e ocupação da usina; articulou apoio parlamentar à greve e no dia do julgamento do Tribunal Superior do Trabalho (TST), esteve pressionando com outros deputados em favor dos trabalhadores.

Miopia trotsquista

As correntes petistas Convergência Socialista e Causa Operária estiveram, desde o início da greve, com posições economicistas, ufanistas e ultra-esquerdistas. Chegaram a afirmar que viriam dezenas de caravanas do Brasil inteiro em apoio à greve. No entanto, poucos foram os sindicatos que deram apoio concreto. A própria Central Única dos Trabalhadores (CUT) demorou a se engajar.

Os dois grupos que, apesar de terem vários cipeiros, estão fora da diretoria do sindicato (fazem parte: DS, PT Independente e PDT), insistiam

o tempo todo na greve até a vitória dos 166% de aumento, como se Volta Redonda sozinha pudesse derrubar a política salarial de arrocho de Collor. Várias foram as intervenções destas forças para dividir a categoria e tirar saldo político partidário, mas a direção do sindicato e a categoria, em assembleias, rechaçaram todas elas.

No dia 11, sábado, aconteceu a assembleia que pôs fim à greve. Foi quase unânime a decisão de acabar a greve e manter a mobilização contra a privatização da usina e a luta contra o governo antipovo de Collor.

O PCdoB cresceu durante o movimento grevista. Vários ativistas entraram no Partido, inclusive lideranças do comando de greve. Foi também durante o movimento que filiamos uma liderança do movimento de resistência às demissões da companhia, que organizou o acampamento em frente ao escritório central da CSN durante vários dias. Ela veio da corrente petista Causa Operária. Presença marcante ao longo do movimento, também veio dos jovens militantes da União da Juventude Socialista, a UJS.

(da Sucursal)

Carta contra a esmola

Diante da escandalosa política de aniquilamento dos salários dos trabalhadores, fomentada pelo governo de Collor de Mello, a Corrente Sindical Classista (CSC) da CUT, adverte que os trabalhadores não aceitam a Medida Provisória 199, nem o abono-esmola nela previsto. Eles defendem a derrubada do veto e a política salarial aprovada pelo Congresso Nacional. Abaixo, reproduzimos o teor da carta às lideranças partidárias, lançada pela CSC aos deputados.

"Exmo Sr. deputado: É grande a expectativa do movimento sindical representativo e do conjunto dos trabalhadores brasileiros.

Desmoralizando o Senado da República, o presidente Fernando Collor vetou a Lei 5.340, aprovada, que dispõe sobre a nova política nacional de salários. Editou, em seguida, a MP 199, uma reedição da já condenada MP 193.

A Medida Provisória 199, antes de tudo, é a reafirmação da farsa monumental denominada "Brasil Novo", de um projeto político irremediavelmente comprometido com as velhas elites espoliadoras do trabalho assalariado, que vem jogando na sarjeta as vãs esperanças dos "descamisados".

Essa medida provisória acrescenta às perdas salariais acumuladas, ao "rombo" pós-plano de cerca de 200% para algumas

categorias, mais 50,94% de perda média aos trabalhadores nos próximos meses, segundo o Dieese. Ou seja, metade dos salários será roubada. O termo é exatamente esse, pois, segundo o economista Antonio Prado (Dieese), uma vez aprovada a 199, serão transferidos dos assalariados para as empresas privadas nada menos que 25 bilhões de dólares, todos os anos — cerca de 25% da dívida externa.

Mais ainda, a 199 impede, por força de lei, qualquer recuperação salarial, anula cláusulas de quaisquer acordos que tenham estabelecido reposição salarial, bloqueia qualquer mecanismo de proteção antiinflacionária. E, com a medida, o único reajuste possível (antecipação) no prazo de um ano, não se aplica aos servidores públicos federais, civis ou militares.

Desnecessário dizer mais. Os trabalhadores brasileiros querem a derrubada do veto presidencial à lei aprovada. Esperam que os congressistas joguem na lata do lixo a 199. E remetem à ministra Zélia Cardoso, essa indecente servil dos magnatas das finanças internacionais, a proposta do abono-esmola.

Confiantes no vosso patriotismo, enviamos nossas saudações

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois
A Coordenação Nacional da CSC

HEGEL:

A matéria fora do mundo

Sérgio Barroso*

A formação social alemã que rumava para o século XIX parecia querer eternizar-se. Formada pela Áustria e a Prússia, nela conviviam algumas ilhas industriais com 40 prelados, 51 cidades-impérios, seus príncipes-eleitores, 108 barões, 94 príncipes-eclésiásticos, espalhados em 300 territórios independentes.

Um lento desenvolvimento econômico, de vasto domínio feudal, moldava uma Alemanha visivelmente em contraste com França e Inglaterra. A servidão imperante — num Estado sem jurisdição centralizada — dava lastro à censura e à repressão que sufocavam idéias conscientes.

Na França, ali do lado, tomava corpo o cenário de uma revolução destruidora da monarquia absolutista feudal que cimentou a sociedade burguesa.

Georg Wilhelm Friedrich Hegel nasce a 27 de agosto de 1770, há, portanto, 220 anos, em Stuttgart. Filho de um chefe de chancelaria do ducado, o pensador alemão sofre desde jovem grande influência da Revolução Francesa e do Iluminismo. Ingressa, em Tübingen, no Instituto de Teologia protestante, onde coleciona as amizades de Schelling e Holderlin, destacados membros da escola filosófica clássica alemã.

Estudos

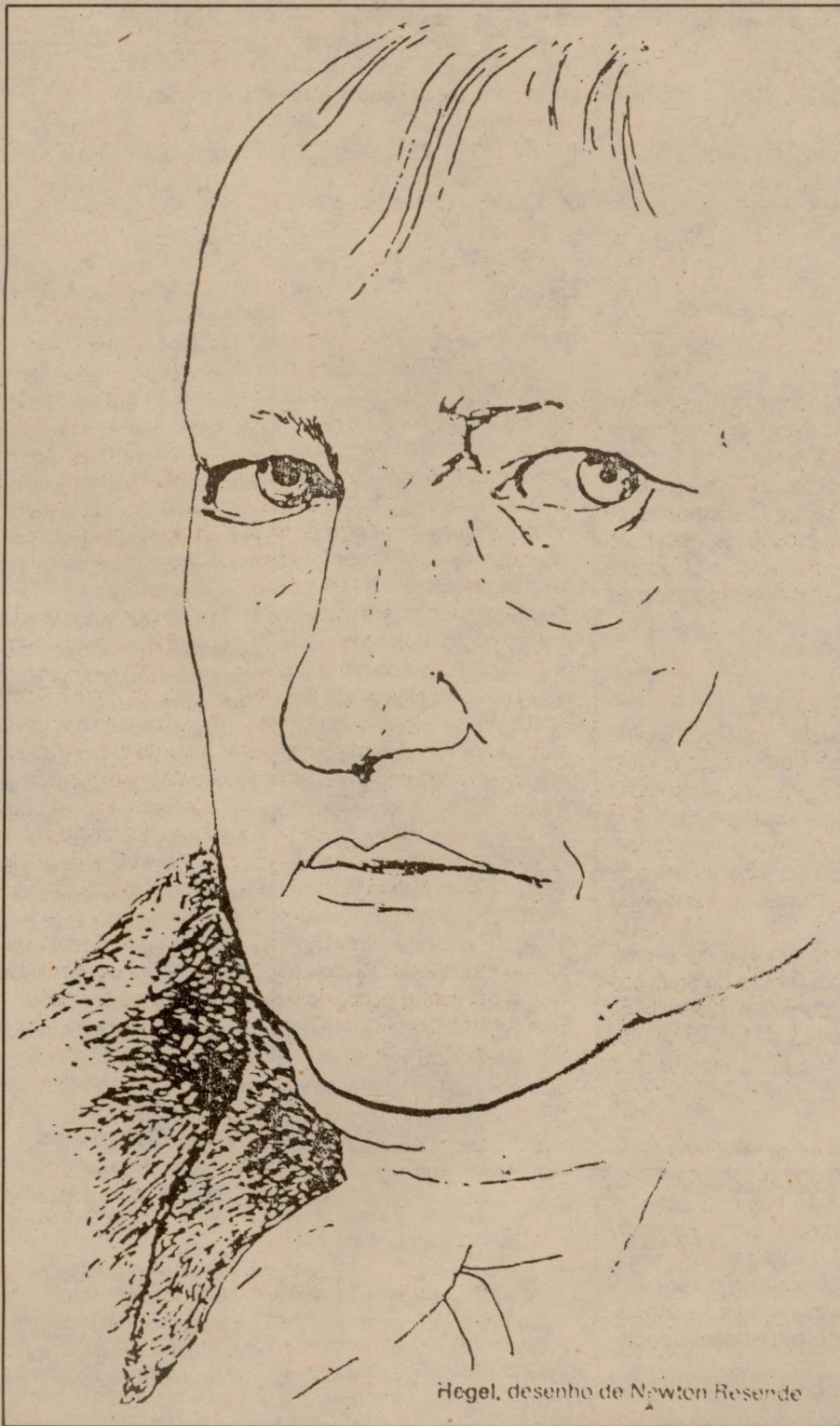
Nesse período, como seguidores de Kant (Immanuel Kant, fundador da filosofia clássica, 1724-1804), os três jovens viam como manobras a introdução de certas idéias do Iluminismo nas universidades, feita por Frederico Guilherme II, em fim de reinado. Hegel foi ativo participante de um clube político "liberal" em Tübingen. Ao completar vinte anos, recebe o título de "magister philosophiae", abandonando três anos após a profissão de pastor, por não vocacionamento. A partir de 1793, em Berna, como professor particular, aprofunda os estudos da literatura da Ilustração, sobre o Estado, a religião, interessando-se vivamente pela vida política da Europa.

Após a morte de seu pai, que lhe confia "pequena herança", Hegel escreve em latim a tese "Sobre a órbita dos planetas", em 1801 tornando-se livre-docente da Universidade de Jena. É onde Goethe, influente pensador e poeta alemão, recomenda-o professor-extraordinário, em 1805.

Os desdobramentos da Revolução Francesa determinam em Schelling um caminho de defesa do romantismo nacionalista, que também sustentou a contra-revolução de 1848 na Alemanha. Já Holderlin manifesta não resignação com o fim da trajetória de Robespierre e dos "sans-culottes". Hegel rompe com Schelling e passa a reconhecer a reação thermidoriana, bem como as guerras napoleônicas, como "necessárias à consolidação da nova ordem social" francesa.

Hegel nunca escondeu sua admiração pelo Estado prussiano, desde que reformado. A defesa dos ideais de "liberdade", dos "direitos humanos" que arejavam o mundo a partir da epopéia da França, eram por ele materializadas na Alemanha na reivindicação máxima da monarquia constitucional.

Seu julgamento filosófico da História encontra-se na "Fenomenologia", publicada em 1807. Em 1812 vem à luz uma obra de extraordinária densidade, a "Ciência da Lógica", concluída em sua segunda parte em 1816. Do Liceu de Nuremberg, Hegel passa a titular de filosofia em Hei-



Hegel, desenho de Newton Resende

delberg e completa sua "Enciclopédia das Ciências Filosóficas" um ano depois (1817).

O grande pensador alemão atinge o auge de sua carreira universitária com a indicação para titular de filosofia da Universidade de Berlim. Aparece em 1821 o livro "Princípios da Filosofia do Direito", obra radicalmente criticada por Karl Marx. É "eleito" reitor em Berlim em 1829. Em 11 de novembro de 1831 morre Hegel, acometido por cólera.

Dialética e Fantasia

O sistema filosófico de Hegel posiciona-se frente à questão da relação entre o pensamento e o ser pela via do *idealismo objetivo*. Diferentemente de Kant, que reconhecia a existência do mundo material

à margem da consciência humana, mesmo sendo esse mundo incognoscível, Hegel *absolutiza* a idéia. A complexa arquitetura de seu pensamento filosófico terminava por estabelecer a "Idéia absoluta" como fonte geradora do mundo. E se em Kant havia a admissão da existência de corpos ou coisas — desconhecidos em si mesmo —, fora do pensamento humano, mas conhecidos pelas representações que engendram (a sensação dos fenômenos), em Hegel há a busca de um "acordo" entre o pensamento e a realidade.

Precisamente por isso é que o esquema hegeliano articula IDÉIA-NATUREZA-IDÉIA ABSOLUTA. A idéia absoluta, num movimento de retorno a si, significa a gradualização do movimento das categorias, o término do desenvolvimento lógico. E, a partir de sua forma *ideal* (conceitual) transforma-se em seu contra-

rio exteriorizando-se em natureza. Sofre aí desenvolvimento ("degradação" — Engels) rejeita-a, volta-se sobre si de maneira ulterior.

Foi Hegel quem sistematizou os princípios da dialética enquanto leis gerais. Nessa questão sua elaboração é genial e avança de maneira impressionante sobre todos os filósofos que o antecederam. Ele estrutura um nexos inédito para o problema da *correlação entre categorias*. A Lógica era até então *Formal*; ensinava entre outras coisas que o pensamento não deve ser contraditório. Hegel fundamentou o princípio da contradição como sendo quem "põe o mundo em movimento, logo, é ridículo dizer que é impossível pensar a contradição". Para ele, "é apenas na medida em que alguma coisa comporta em si uma contradição que ela se move". ("Ciência da Lógica").

A famosa tríade tese, antítese e síntese, onde o "ser-em-si" passa a ser o "ser-outro", percorre toda a base do raciocínio teórico do filósofo.

Assim, numa primeira etapa — onde o desenvolvimento dos conceitos realiza-se no plano do ser — as categorias quantidade, qualidade, medida, essência, vão se superando uma a outra em sua interdependência. "Há ainda nas coisas uma permanência e essa é primeiramente a essência", sentenciava na "Ciência da Lógica". Ao exteriorizar-se, o conhecimento atravessa a identidade, a contradição, o fundamento (a contradição resolvida), a condição, o fenômeno... No interior desta sequência, Hegel afirma que a unidade entre a possibilidade e a realidade constitui a *necessidade*, um absurdo só justificável para o funcionamento de seu sistema idealista. Saindo da essência o pensamento vai ao *conceito*, para Hegel "... a verdade do ser e da essência". (Ciência da Lógica); volta-se sobre si (o ser) numa nova base repetindo-se o processo lógico.

Dogmatismo disfarçado

Marx e Engels ultrapassaram a radicalidade do materialismo paralisante de Ludwig Feuerbach (1804-1872). Romperam politicamente com o idealismo também cristianizado dos jovens hegelianos de "esquerda". Tratava-se de por a dialética de Hegel "de cabeça para cima, a fim de descobrir a substância dentro do invólucro místico". (Marx). E Engels alinhava com precisão as limitações próprias dos conhecimentos de Hegel, a insuficiência das concepções da época e a adoção profissional pelo idealismo como determinantes de seu *falso* sistema.

Hegel não vivenciou a descoberta da célula, a transformação da energia ou a Teoria da Evolução de Darwin. Sua dialética como *autodesenvolvimento do conceito*, levava inevitavelmente à suposição de que o ponto final da história dar-se-ia no momento em que a "Idéia absoluta" fosse o conhecimento, pela humanidade, da filosofia hegeliana! A essa conclusão concentrada do idealismo de Hegel, Engels foi impiedoso: "... a verdade absoluta de todo o conteúdo dogmático do sistema filosófico de Hegel... em contradição com seu método dialético...". Seu método atraía-o a si!

O materialismo dialético, enquanto Ciência das Leis gerais do movimento, condenava para sempre o relativismo de tal teoria do conhecimento, na qual o pensamento é autônomo, divorciado do caráter objetivo e perene das transformações do movimento da matéria. Completamente impossibilitado de forjar uma consciência revolucionária consequente.

*Médico, secretário-geral da Corrente Sindical Clássica da CUT

Dianna Pequeno:

Contra o comercialismo e a breguice

Entrevista a Pedro Carvalho Lopes*

A cantora que se caracterizou por um trabalho incansável de resgate do cancionero popular adota um repertório mais amplo, e engatilha o lançamento de dois novos discos. Mas não deixa de fustigar a dominação cultural e o massacre que ela promove contra a música brasileira.

Dianna Pequeno surgiu no cenário da música brasileira no final dos anos setenta, logo se firmando como uma de suas melhores intérpretes. Após firmar-se como intérprete, Dianna enveredou-se pelo campo das composições. É de se ressaltar o fato de que em seu último LP (*Mistérios — Independente*), lançado em 89, ela tem participação em seis faixas.

Dianna é um dos exemplos mais claros do quanto é incongruente o critério de promoção da indústria cultural brasileira. Apesar de ter um repertório com grande penetração na música brasileira, podemos dizer que ela só conseguiu grande sucesso radiofônico com duas músicas estrangeiras: "Blowing in the Wind" (Bob Dylan), versão da própria Dianna e "Serei teu bem" (Carole King), numa versão de Ronaldo Bastos. Mas estas duas músicas, apesar de belas, não refletem o que há de melhor no repertório da cantora. Haja visto a beleza de Trem do Pantanal (Geraldo Roca e Paulo Simões) e Sinal de Amor e de Perigo (Capenga e Patinhas), para ficar só em duas.

Após abandonar a última gravadora, Dianna segue seu caminho musical com toda garra. Lançará dois LPs ainda este ano, e está realizando uma verdadeira maratona de shows por todo o Brasil.

O próprio Villa Lobos pesquisou arte indígena, cantiga de roda e ciranda

Classe: No início de sua carreira você tinha um trabalho voltado quase apenas para a música campônia, gravando compositores como Elomar João Bá e Vidal França e outros. Hoje você tem trabalhado com uma roupagem mais urbanizada, e com gente como Tom Jobim, João Bosco, etc. Qual foi o fator que te levou a seguir este caminho?

Dianna: Puramente minha cabeça, meu sentimento, e minhas exigências enquanto artista. Realmente eu vi que não tinha nada a ver ficar presa a alguma coisa, a alguns preconceitos, ou simplesmente falar de raízes. É uma coisa muito pequena, muito preconceituosa, acho que não tem



Dianna: "Meu papel é trazer à tona o cancionero popular, e ao mesmo tempo interpretar a produção moderna".

muito isto, nada é puro, tudo é mistura, a cultura brasileira é toda misturada. Então eu acho que eu estava errada. Hoje eu estou mais livre para cantar tudo isto. Aquilo que eu cantava antes e mais. Hoje eu me sinto mais plena. Antes eu estava mais presa.

Em resumo eu acho que eu comeci de um jeito simples, mas com muito gás, com muita energia, muita vontade de fazer alguma coisa com muita honestidade, mas ao mesmo tempo ainda muita imatura. Eu não tinha muita noção das coisas, não era profissional. Queria apenas fazer alguma coisa pela música brasileira, pela cultura brasileira, queria dar uma contribuição. Eu queria cantar coisas boas, lógico, sentimentos muito bons: Eu só acho que estava muito restrita musicalmente, eu ainda não tinha me amadurecido. Agora eu me considero mais madura, estou a caminho da maturidade musical, então, claro, estou caminhando para coisas bem melhores, acho que já posso contribuir muito mais do que antes. Espero que as pessoas, aos pouqui-

nhos, vão percebendo isto e que estejam atentas.

Classe: Que etapas você identifica ao longo destes doze anos de trabalho?

Dianna: Não sei, sei que foram várias. São caminhos interiores, caminhos musicais, caminhos pessoais, muita coisa. Sei que o meu objetivo é um só, quero a transformação em alguma coisa realmente melhor. Eu quero dar tudo de mim para que possa aqui nesta vida ser o melhor que conseguir ser. E tentar chegar à plenitude ou pelo menos o máximo de potencial que eu puder desenvolver

Nos anos 70 o público era mais rebelde, e valorizava muito a MPB

Classe: Como você analisa a presença do cancionero popular na música brasileira?

Dianna: Acho uma coisa muito importante, muito ampla. Toda música brasileira é muito rica, ela oferece diversas nuances, diversos ritmos, características diferentes que permitem aos pesquisadores irem beber em várias fontes. Haja visto o próprio Villa Lobos, que pesquisou desde as músicas indígenas às cantigas de roda e também as cirandas. Quer dizer, tem várias coisas às quais a gente pode recorrer e acho que devemos trazer à tona. Meu papel é justamente este, trazer à tona pelo menos algumas coisas importantes não só do folclore, do cancionero, mas também de coisas mais modernas, pois acho que descartamos muitas coisas muito rapidamente.

Classe: Você tem ido pesquisar na própria fonte, ou seja, viajado pesquisando, ou recebe um trabalho já feito por outros pesquisadores?

Dianna: Não. Isto eu não tenho feito, não. A não ser quando eu vou e as pessoas me mostram algumas coisas, mas eu não vou com este propósito. O que eu faço é pesquisar em museus, mas em geral as pessoas me falam, porque acham que eu tenho a ver, então muita gente vem e me dá um toque, e eu vou e procuro onde estão estas músicas. Quer dizer, eu não me determino a viajar procurando isto, mas a partir dos toques que as pessoas me dão eu busco me aprofundar, quer dizer, é também uma forma de pesquisa.

Não sou contra o rock, mas contra a dominação que nos impõe o lixo

Classe: Você iniciou sua carreira em 78. Fim de regime militar e grande agitação política e cultural. Gostáramos que você traçasse um paralelo entre a MPB daqueles tempos e a de hoje.

Dianna: Olha, no final dos anos 70, dava para fazer muito mais coisas. O público também estava muito mais rebelde, acho que era esta a situação dos anos 70. Eu peguei o final, mas ainda havia aquela rebeldia, aquela valorização da música brasileira ainda estava muito mais forte. Depois, nos anos 80, foi um vazio total, foi uma importação em massa de discoteque, uma total descaracterização, foi um esvaziamento e infelizmente o público vai junto, não sei porquê. As pessoas não queriam saber de mais nada, a gente falava de música brasileira, e as pessoas lá cuspiam de lado, achavam chato, só queriam saber de discoteque. Depois veio o rock e eu acho até legal, não precisamos ser puristas. O que acho um absurdo é que

no Brasil estas coisas vêm e dominam, as outras não podem aparecer, não tem espaço pra mais nada. Então, isto foram os anos 80, agora no final da década e início dos anos 90 estão aparecendo mudanças positivas, acho que agora podemos resgatar um pouco nossos valores, parece que vai melhorar de novo, estou sentindo que as pessoas, depois do vazio, estão procurando outras coisas.

Quero repetir que não tenho nada contra o rock, sou contra a dominação, que traz toda uma enxurrada, e no meio das coisas boas vem um monte de porcarias. Agora, aliás, está ocorrendo um fenômeno semelhante com a lambada, que eu, a princípio, acho bárbara...

Classe: Na realidade, uma coisa antiga.

Dianna: Pois é, antiga, originada do maxixe. Acho que seria inclusive legal resgatar o maxixe, que é uma coisa que eu não curti, e que é um ritmo que entrou para a história da música brasileira. Mas o problema é que vira moda e o negócio todo descamba para o comercialismo, pra sacanagem, pra breguice, não tem nada a ver com sua origem. Mas no princípio, é uma coisa superlegal, esta fusão de ritmos. Agora, o pior é que seguimos sempre para o pior lado.

O ritmo vira moda e aí descamba para a breguice e o comercialismo

Classe: Você rompeu com sua última gravadora e está se colocando como artista independente. Por que?

Dianna: Naquela em que eu estava não deu mais pra continuar, porque há um momento em que as coisas se incompatibilizam. Então eu parti para um trabalho independente, para reafirmar as minhas vontades e as coisas que gosto. Já lancei um LP no ano passado, "Mistérios", e tem mais dois pra sair ainda este ano. Se chamam "Voarás" e "Signos", são dois trabalhos diferentes, um é acústico e o outro é eletrônico, um tem músicas que eu recrio e outro tem músicas que são nossas composições. São vários lados num mesmo trabalho. Agora, eu gosto de fazer o trabalho assim como estou fazendo, mas também vai ser ótimo se pintar uma gravadora, porque é sempre uma ampliação. É claro que tem de ser uma forma que me permita manter minha personalidade intacta, porque sem isto eu não sei trabalhar.

CDM Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois

Um índio Kaxinawa escreve a J. Amazonas

Grandioso amigo João Amazonas, estou escrevendo esta carta para você dando nossas notícias daqui do Acre. Nós, índios Kaxinawa dessa comunidade, eu Manoel Gomes seu txai (camarada) junto ao meu povo mandamos notícias para você. Conheci você através da Classe Operária e dos txai Moisés Diniz, Francisco Batista, etc. Temos 55 pessoas entre homens, mulheres e crianças, dentro de 70 hectares de terra. Cem hectares é só para um posseiro, e não temos esta terra.

Cercados de fazendeiros não temos lugar para nossas plantações e criações. Também não temos igarapé para pescar e nem podemos fazer açudes para todos, estão querendo nos expulsar. Os fazendeiros dizem que nós somos comunistas e eles têm medo, porque eu sou do partido PCdoB. Há 6 anos me filiei no partido, no dia 5/5/84.

Por que sou comunista? Porque trabalho em comunidade e brigo por nossa terra, sou índio e sou brasileiro. Será que não temos direito a uma área na nossa terra? Eu quero ajuda, txai. Um forte abraço a todos os txai dessa comunidade e um bom trabalho para vós. (Manoel Gomes da Silva Kaxinawa, Colônia Vinte e Sete, Tarauacá, AC).

Imperialistas, tirem as mãos do Oriente Médio

Estamos assistindo mais uma crise do capitalismo. Agora a disputa é pelo petróleo árabe. Sabemos que o principal responsável não é o Iraque, mas sim os países imperialistas que o armaram na guerra contra o Irã. Hoje, americanos, ingleses e outros caem como abutres em cima do Golfo Pérsico, com a desculpa de defender a Arábia Saudita. Mas nós sabemos que estes "defensores" serão os primeiros a avançar contra a liberdade dos povos árabes mais uma vez.

Como em outras oportunidades, criaram um "monstro" para ter co-

mo desculpa para o derramamento de sangue e a ocupação imperialista por seus exércitos de assassinos. Tudo para assegurar os campos de petróleo, a energia que sustenta o poder destes carneiros do capital. (Rui Amaro Gil, Arapongas, PR).

Lídice governadora, contra o que rouba mas está solto

Gostaria de externar o meu ponto de vista neste tão importante espaço do jornal socialista, por isso escrevo aos companheiros sobre o atual quadro sucessório baiano.

De um lado estão posicionadas, mas não coesas, as forças representantes das chamadas elites parasitárias, cujo principal expoente é a figura do senhor Antonio Carlos Magalhães, ex-presidente da Eletrobrás e também ex-ministro das Comunicações. Por onde ele passou foi deixando as marcas de sua administração, que são a corrupção e o clientelismo em troca de favores. Este canastrão reacionário já chegou até mesmo a agredir moralmente um jornalista baiano diante das próprias câmaras de televisão. Sua história já é conhecida por muitos brasileiros, como algo marcado pela malvadeza e corrupção, e mesmo seus eleitores o reconhecem como desonesto.

Mas em contraposição a estas forças da opressão, a Bahia tem a candidatura da deputada Lídice da Matta. Essa sim é a verdadeira alternativa para as classes populares da Bahia. Os eleitores da Bahia devem apoiar esta companheira que ambiciona um dia poder viver numa sociedade mais humana e menos faminta, para a felicidade de todos os baianos. Lídice da Matta é uma mulher destemida e inconformada com os preconceitos dessa sociedade machista, por isso sua luta pela libertação da mulher, sem hostilizar os homens de forma sectária. A Bahia aplaudirá esta candidatura, e abominará aquele que vem crescendo nas pesquisas de opinião pública simplesmente porque "rouba mas faz", quando na verdade o lema que ele deveria ostentar é o de que "rouba mas não está preso." (Teodoro José S. Bridi, Salvador, BA).

Em defesa do futebol e da criatividade na política

Extremamente positiva a cobertura que *A Classe Operária* fez da seleção brasileira e da copa. Igualmente positivo o fato de ter assumido, através de Cláudio Vladimir, a torcida a favor da seleção. Futebol é arte popular e, independentemente da copa, deve continuar merecendo o mesmo espaço na *Classe*. A seleção, ainda que

sob a batuta de cartolas inescrupulosos, é do povo; não é de (argh!) Lazzaroni nem de Collor, nem de qualquer outro governante de plantão. Uma demonstração disso é que Médici, famigerado fascista que se valeu até não poder mais da conquista do tri, morreu esquecido pelo povo; ao seu velório compareceram não mais que cem pessoas. Enquanto isso, ao enterro de Garrincha o povo acorreu aos milhares.

Torcer contra a seleção é um enorme equívoco. Não é o futebol o responsável pela situação em que vivemos, e além do mais não estamos em 1970, e sim em 1990! Durante a próxima campanha eleitoral, denunciariamos a desfaçatez do governo em se utilizar da conquista da copa para fins políticos. Aliás, já tinha gente atenta pra isso; tanto que o enredo de uma escola de samba este ano no Rio tratava justamente deste tema. A esquerda brasileira, em particular os comunistas, comeu o pão que o diabo amassou durante o Estado Novo, durante a última ditadura dos generais, etc, e nem por isso deixou de fazer política com criatividade; não seria a conquista da copa que iria impedir. Aliás, eu pagaria pra viver a experiência (inédita para as gerações mais novas) de fazer política com o Brasil campeão mundial de futebol. Ser contra este esporte porque é usado pelo poder contra o povo é o mesmo que confundir o punhal com

o assassino. (Evandro Favacho, Ribeirão Preto, SP).

Uma homenagem a Glênio Sá e Alírio Guerra

Neste momento, em que persistem a saudade, a angústia e o vazio da ausência dos camaradas Glênio Sá e Alírio Guerra, não poderíamos deixar de registrar nossa opinião acerca desses lutadores.

Em plena ditadura militar, Glênio e Alírio decidiram "remar contra a maré" e "durante o nevoeiro levar o barco devagar". Sacrificaram e renunciaram à cômoda posição de indiferença que a maioria do povo mantinha diante do clima de terror e violência que fora instalado no país; integraram a trincheira de luta contra os ditadores de plantão.

Ambos lutaram na linha de frente da resistência contra a ditadura militar. Glênio, após intensa luta estudantil secundarista, foi destacado para organizar o povo do Araguaia na resistência contra o autoritarismo; naquela região foi preso e levado incomunicável para Brasília, onde foi covardemente torturado. Alírio, como estudante de medicina, participou da diretoria clandestina da UNE na gestão de Honestino Guimarães (71/72); como consequência teve seu direito de estudar cassado pelo decreto 477.

Esses dois camaradas nunca reclamaram da vida pessoal difícil que tiveram; ao contrário, assim como o cordeiro, o xique-xique e o mandacaru que resistem naturalmente às intempéries do sertão, eles resistiram até onde a vida lhes permitiu que vivessem.

A morte interrompeu a vida de dois homens que só queriam a felicidade do homem. Morre a matéria, cancela-se a vida de Glênio e Alírio. Mas suas idéias, suas lutas, hão de germinar no solo brasileiro. A única maneira de homenagearmos os camaradas mortos é abraçar esta herança, continuar a luta que eles souberam defender, e quem sabe num futuro breve colher o fruto da semente plantada e regada carinhosamente por eles. (Carlos Alberto N. Andrade, Natal, RN).

Assine já o seu jornal "A CLASSE OPERÁRIA" UM JORNAL PELO SOCIALISMO

Nome
 Endereço
 CEP Cidade Estado
 Profissão

"A CLASSE OPERÁRIA" CUSTA MUITO POUCO
 Assinatura trimestral: Cr\$ 300,00
 Assinatura semestral: Cr\$ 600,00

Preencha hoje mesmo este cupom e envie cheque nominal à Empresa Jornalística A Classe Operária Ltda.

A Classe Operária

Telex: 11-32133
Fax: (011) 36-4104
Nas capitais: ACRE — Rua Rio Grande do Sul, 65, CEP 69900, fone: (068) 224-7329, Rio Branco; ALAGOAS — Ladeira do Britó, 72 — fones: (082) 221-4634 e 221-4728, Maceió; AMAPA — Av. Antônio G. Tocantins, 47, CEP 68900, fone: (096) 231-3370, Macapá; AMAZONAS — Rua Luiz Anthony, 762, CEP 69000, fone: (092) 232-3881, Manaus; BAHIA — Av. Cons. Junqueira Ayres, 41, Barris, CEP 40115, fone: (071) 241-6522, Salvador; CEARÁ — Rua São Paulo, 1.037, CEP 60000, fone: (085) 221-4090, Fortaleza; DISTRITO FEDERAL — HIGS 704, Bloco G, Casa 67, CEP 70302, fone: (061) 225-8202, Brasília; ESPÍRITO SANTO — Rua Prof. Baltazar, 152, CEP 29020, fone: (027) 222-8162, Vitória; GOIÁS — Rua Parnaíba, 355, CEP 74000 fone: (062) 223-5571, Goiânia; MARANHÃO — Rua Desantanhina, 194 CEP 65000, fone: (098) 229-5200, São Luiz; MATO GROSSO — Rua Comandante Costa, 548, fundos, CEP 78030, fone: (065) 321-5095, Cuiabá; MATO GROSSO DO SUL — Rua Rui Barbosa, 2.500, CEP 79010, Campo Grande; MINAS GERAIS — Rua Padre Belchior, 285, CEP 30190, fone: (031) 222-3161, Belo Horizonte; PARÁ — Rua 3 de maio, 1834, CEP 66800, FONE: (091) 229-5200, Belém; PARAIBA — Rua Almeida Barreto, 273, CEP 58020, fone: (083) 222-4413, João Pessoa; PARANÁ — Rua Marechal Deodoro, 161, Centro, fone: (041) 263-2049, Curitiba; PERNAMBUCO — Rua do Sassego, 53, CEP 50750, fone: (081) 222-3418, Recife; PIAUÍ — Rua Desemb. Freitas, 1.216, CEP 64020, fone: (086) 222-2044, Teresina; RIO DE JANEIRO — Rua 13 de Maio, 33, 16º andar, sala 1608, CEP 20010, fone: (021) 240-5286, Rio de Janeiro; RIO GRANDE DO NORTE — Rua Prof. Zuza, 99, CEP 59020, fone: (084) 222-6323, Natal; RIO GRANDE DO SUL — Rua Santo Antônio, 254, CEP 90220, fone: (0512) 28-5152, Porto Alegre; RONDÔNIA — R. Tenreiro Aranha, 2.122, CEP 78.900, Porto Velho; RORAIMA — Rua Álvaro Maia, 165, B. Aparecida, CEP 69300, Boa Vista; SANTA CATARINA — Rua Júlio Moura, 34, CEP 88010, fone: (0482) 22-1927, Florianópolis; SERGIPE — Rua do Lagarto, 807, CEP 49015, Aracaju.

A CLASSE OPERÁRIA é uma publicação da Empresa Jornalística A Classe Operária Ltda. Composição, montagem, fotolito: Paz Fotocomposição e Fotolito Ltda. — R. Frederico Stang, 247, São Caetano do Sul, SP, CEP 06025-110. São Paulo/SP fones: (011) 222-2000 e 222-2001. Gráfica Jorues — fone: (011) 815-4999.

Diretor e Jornalista Responsável: João Amazonas.
Editor: José Reinaldo Carvalho
Redação: Antonio Martins, Irasson Cordeiro Lopes e Umberto Martins
Diagramação e Arte: José Luis Munuera Reyes
Centro de Documentação: Joana D'arc de Sousa e Rosane Montiel
Administração: Sandra Mateus
Secretária: Márcia Medeiros
Assinaturas: Cláudia Medeiros
Fotografia: Agência Fóton
Endereço: Rua Adoniran Barbosa, 53 — Bela Vista CEP 01318 — São Paulo/SP
Telefone: (011) 36-7531

GARCÍA LORCA

Canto mágico, revelador, poesia que se levanta

Nádia Timm*



Soem invisíveis guitarras, gitanos. Federico García Lorca está morto. Há 54 anos — em algum dia de agosto — a brutalidade franquista derramou o sangue deste sensível criador em algum lugar de Granada. Foi fuzilado o poeta, o dramaturgo, o músico, o conferencista, o desenhista e seu corpo jamais encontrado. Ficou seu canto mágico, atávico, revelador. E como queria sua "poesia que se levanta do livro e se faz humana. E ao fazer-se, fala e grita, chora e se desespera", voou por todo o céu do planeta, tornando-se patrimônio espiritual da humanidade.

O requinte e a pureza de sua obra têm raízes na tradição hispânica, no romance popular andaluz. Mergulhou nos séculos para tornar-se eco da poesia moçárabe. Herdamos uma obra essencialmente humana porque Lorca transcendeu as fronteiras do regionalismo e conseguiu ser — ao mesmo tempo — contemporâneo, tradicionalista, erudito e primitivo. Criou nos mais diversos campos de expressão, tendo sempre como principal característica o lirismo, a sensibilidade e a vivacidade inigualáveis.

Os versos que o lançaram para o mundo estão no livro "Romanceiro Gitano", publicado em 1928, de onde foi selecionado o poema transcrito abaixo. A temática são as lendas e narrativas épicas legadas pela tradição oral do povo espanhol, recriadas com sutileza primorosa. Nele Federico García Lorca revela plenamente sua genial personalidade poética.

Talento manifestado cedo, aos dezessete anos começa a colaborar em várias revistas madrilenhas. Surgem seus primeiros livros de poemas que surpreendem a crítica da época e o tornam conhecido do público espanhol. Em seguida, as viagens a Nova Iorque, Cuba, Argentina, Uruguai e Brasil, o sucesso como conferencista, poeta e dramaturgo, sempre interessado por temas folclóricos.

García Lorca tinha o teatro na veia, como mais uma necessidade de expressão. Em 1932 fundou e passou a dirigir "La Barraca", um grupo teatral ambulante, formado por universitários, que difundia os clássicos da dramaturgia espanhola pelo interior do país. Suas melhores peças foram produzidas nos últimos quatro anos de vida, quando o apogeu de sua obra dramática é alcançado na

trilogia "Bodas de Sangue" (1933), "Yerma" (1934) e "A Casa de Bernarda Alba" (1935) — com as características de vanguarda surrealista.

"Bodas de Sangue" foi um sucesso desde a estréia em Madri. Trata-se de uma tragédia em três atos e sete quadros, baseada num episódio real, lido nos jornais. Nela o moralismo e o machismo destroem os protagonistas.

Uma vez o pintor Salvador Dali declarou sobre o poeta "o sentido trágico da vida que Lorca possuía distinguia-se pela mesma

constante trágica com que se distingue o destino de todo o povo espanhol". Sim, o amor, a sensualidade, o dramático, a revelação da alma espanhola ressoam nos versos de Federico García Lorca, estabelecendo contato com a problemática comum a todos os povos explorados. E é ele mesmo quem afirma no seu livro "Poeta em Nova Iorque" — Ser de Granada é ser do mundo, e se "inclina à compreensão simpática dos perseguidos. Do cigano, do negro, do judeu, do mourisco que todos levamos dentro de nós".

Romance da Guarda-Civil espanhola

*Os cavalos negros são.
As ferraduras são negras.
Nas capas se vêem luzir
manchas de tinta e de cera.
Têm, e por isso não choram,
de chumbo suas caveiras.
Com sua alma envernizada
lá vêm eles pela estrada.*

*Corcovados e noturnos,
por onde animam, ordenam
silêncios de goma escura
e medos de fina areia.
Passam, se querem passar
e em sua cabeça ocultam
uma vaga astronomia
de pistolas inconcretas.*

*Oh! cidade dos gitanos:
Pelas esquinas bandeiras.
O luar e a calabaça
com as ginjas em conserva.
Oh! cidade dos gitanos!
Quem te viu e não te lembra?
Cidade de dor e almíscar,
com as torres de canela.*

Romance Sonâmbulo

*Verde que te quero verde.
Verde vento. Verdes ramas.
O barco em eima do mar
e o cavalo na montanha.
Com a sombra na cintura
ela sonha em seu balcão,
verde carne, pêlo verde,
com olhos de fria prata.
Verde que te quero verde.
Por sob a lua gitana,
as coisas a estão mirando
e ela não pode mirá-las.*

*Verde que te quero verde.
Grandes estrelas de escaracha,
vêm com o peixe de sombra
que abre o caminho da alva.
Seu vento esfrega a figueira
com a lixa de seus ramos,
e o monte, gato ladrão,
eriça suas pitas ácidas.
Mas quem virá? E por onde...?
No seu balcão inda está,
verde carne, pêlo verde,
sonhando com o mar amargo.*

*Compadre, quero trocar
meu cavalo por seu lar,
o arreo por seu espelho
e a faca por sua manta.
Compadre, venho sangrando
de lá dos portos de Cabra.
Se eu pudesse, mocinho,
esse trato se fechava.
Porém eu já não sou eu,
nem meu lar é já meu lar.
Compadre, quero morrer
decentemente em meu leito.
De aço, se puder ser,
e com lençóis de Holanda.
Não vês a chaga que tenho
do peito até a garganta?
Trezentas rosas morenas
traz o teu peitilho branco.
Teu sangue goteja e olora
ao redor de tua faixa.
Porém eu já não sou eu,
nem meu lar é já meu lar.
Deixai-me subir ao menos
até as altas varandas,
deixai-me subir! deixai-me*

*até as verdes varandas.
Os corrimões da lua
por onde retumba a água.*

Gazel do amor desesperado

*A noite não quer vir
para que tu não venhas,
nem eu possa ir.*

*Mas eu irei,
inda que um sol de lacraus me coma a fronte.*

*Mas tu virás
com a língua queimada pela chuva de sal.*

*O dia não quer vir
para que tu não venhas,
nem eu possa ir.*

*Mas eu irei
entregando aos sapos meu mordido cravo.*

*Mas tu virás
pelas turvas cloacas da escuridade.*

*Nem a noite nem o dia querem vir
para que por ti morra
e tu morras por mim.*



*Versos extraídos de "Romanceiro Gitano e Outros Poemas", Ed. Nova Fronteira, 3ª edição, 1985, tradução de Oscar Mendes